

FIDELI, CAUSO, SCHIMA E ROSATTI VENCEM TAPIRÀI 1993 (PÁG. 8)

MAGALON

FICÇÃO CIENTÍFICA & HORROR

ANO V N. 25 MAR/ABR 93

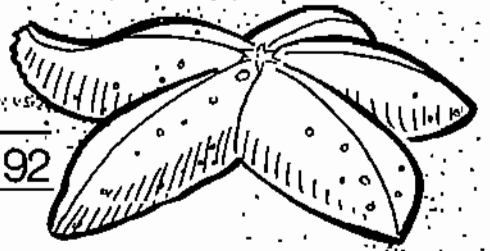
SIMONE SAUERESSIG

GERSON LODI-RIBEIRO

T. MECKLEM & J. FALK



E MAIS: OS VENCEDORES DO PRÊMIO NOVA 92





MEGALON

FICÇÃO CIENTÍFICA & HORROR

Ano V Número 25

Março/Abril 1993

Fundadores:

Marcello Simão Branco e
Renato Rosatti

EDITOR:

Marcello Simão Branco

Colaboradores:

Miguel Carqueija, Orson Scott
Card (USA) e Roberto de Sousa
Causo

Prêmio Nova 1989, 1990 e 1992

MEGALON é uma publicação indepen-
dente e não-profissional, com o
objetivo de divulgar e desenvol-
ver a ficção científica, horror
e fantasia no Brasil. Periodici-
dade bimestral. Aceitamos colabo-
rações que ficam sob apreciação
do editor. Os trabalhos, publica-
dos ou não, não serão devolvidos
e nem fazem juz a qualquer remu-
neração. Os direitos autorais per-
manecem de propriedade dos auto-
res e as opiniões por eles expres-
sas não refletem necessariamente
a do editor.

ENDEREÇO: MEGALON

Av. Clara Mantelli, 110
04771-180 S. Paulo, SP
Brasil

Assinatura: US\$ 6,00 (conversível
em cruzeiro) por 2
edições.

Esta edição foi terminada em 8
de abril de 1993.

EDITORIAL

PRÊMIOS E OS DEZANOS DO FANDOM

São dois assuntos, vamos começar pelos prêmios. Pela terceira vez, o MEGALON é contemplado com o mais representativo prêmio da FC&F brasileira, o NOVA. Quero agradecer a todos os que leem, assinam, colaboram, criticam, ajudam de alguma forma a justificar mais este reconhecimento. Essa é uma das poucas coisas que ainda me motivam a publicar este fanzine. Não edito para vencer prêmios, mas eles são um ótimo incentivo para continuar este trabalho e torná-lo cada vez mais útil para a comunidade de FC, fantasia e horror do Brasil. Agora vamos ao outro prêmio - este o MEGALON não ganha, concede. Esta edição traz os resultados do segundo ano do Prêmio TAPIRÁI, criado e organizado por esta publicação. Parece que aos poucos, o fandom vai entendendo a proposta desse evento e ele vai se revestindo de maior apoio e consideração por parte dos leitores e vencedores. E a estes nossos parabéns!

O segundo tópico deste papo é com relação aos dez anos que o fandom brasileiro de FC comemora este ano, mais precisamente em março. Há uma década surgia os suportes Clube de Ficção Científica Antares, Sociedade Astronômica Star Trek e o fanzine Hiperespaço. Do início e desenvolvimento de suas atividades começava a se estruturar o que hoje identificamos como uma comunidade de fãs de FC, fantasia e horror no Brasil. Cabe lembrar aqui também o papel central do Clube de Leitores de Ficção Científica, o primeiro órgão a aglutinar grupos de fãs e revelar novos talentos para a FC brasileira. Além de lembrarmos a passagem desta década, é oportuna uma reflexão de todos para o que foi estes dez anos - por alguns chamada de "Segunda Época da FC Nacional" - do que este fandom é hoje e dos rumos que ele pode e deve tomar. Podemos dizer que se hoje o fandom é diversificado, ele ainda carece de uma identidade comum a todos os seus integrantes, de uma interação real entre seus atores e de propostas básicas que o marquem como um movimento comprometido com o desenvolvimento dos gêneros no Brasil - talvez a única proposta seja o Movimento Antropofágico, mas ainda com pouca acolhida por setores importantes do fandom. Cabe também analisar que alcance temos - se é que temos - para influir no desenvolvimento da FC e afins neste País. Vale a lembrança, alguma comemoração, mas creio ser mais importante discutirmos seriamente esta década de resurgimento de uma Ficção Científica Brasileira. Este espaço não permite um aprofundamento maior de tantas questões, mas elas estão à disposição para todos nós refletirmos. E as páginas do MEGALON estão à espera de todos que queiram pensar sobre esta década. Mãos à obra?

-- O EDITOR.

ÍNDICE

FICÇÃO

- Albânia	Todd Mecklem & Jonathan Falk	14
- A Vida e a Vida de Dino Fontana	Daniel Fresnot	22
- Nuvem	Luiz Zatar	23

ARTIGOS

- Como Era Gostosa a Minha Alienígena!	Gerson Lodi-Ribeiro	18
- Cinema, TV e HQ de FC em 92	Cesar R.T. Silva	25

SEÇÕES

- Editorial - Prêmios e os Dez Anos do Fandom		2
- Diário do Fandom	Roberto de Sousa Causo	4
- Publicações Recebidas		7
- Prêmio Tapirãi 1993		8
- Entrevista		
* Simone Saueressig	Marcello Simão Branco	11
- Resenhas FC Brasileira	Miguel Carqueija	28
- Books to Look For	Orson Scott Card	29

EXTRAS

- Prêmio Nova 1992		17
- Apóie os Fanzines!!!		22

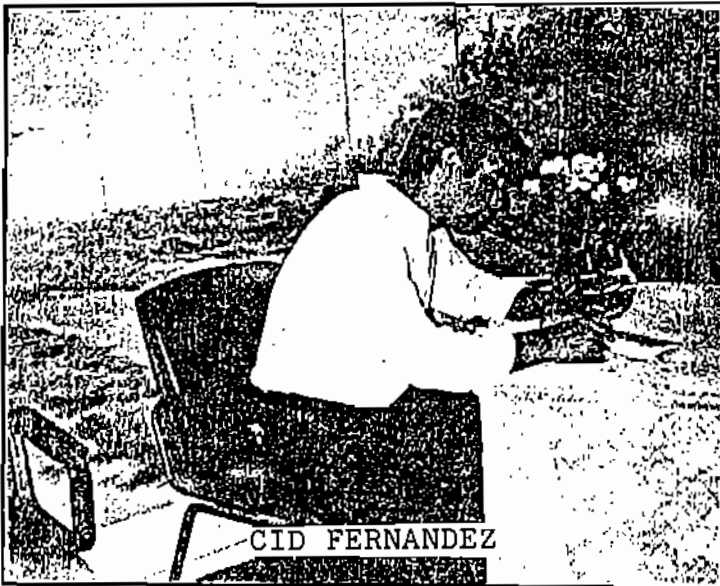
ILUSTRAÇÕES

- Roberto de Sousa Causo		18
- Ken Fletcher (USA)		3,10,21
- Roberto Schima		13,26,30(ARTE)
- Cesar R.T. Silva		CAPA e 14(baseada em "Albânia")
- Luiz Zatar		27



DIÁRIO DO FANDOM -- ROBERTO DE SOUSA CAUSO

NACIONAL



CID FERNANDEZ

* Em 25 de março os vencedores do concurso Jerônimo Monteiro estiveram autografando a antologia Tríplice Universo (FC GRD 14), com novos trabalhos por ROBERTO SCHIMA, CID FERNANDEZ e ROBERTO DE SOUSA CAUSO, em Ribeirão Preto-SP, cidade-natal de Fernandez. Acompanhou-os o editor GUMERCINDO ROCHA DORA. Novas sessões de autógrafa acontecerão em São Paulo e em Sumaré. (Foto: Cid Fernandez autografa.)

* Enquanto os autores primeiro publicados na Isaac Asimov Magazine continuam suas carreiras, a revista parou de circular com o seu Nº 25, visto em São Paulo no mês de janeiro, e incluindo histórias por GERSON LODI-RIBEIRO e JOSÉ CARLOS NEVES, dois fãs importantes que começaram como autores-fãs no início da década de 80.

* GUMERCINDO ROCHA DOREA foi o fã escolhido para ser o beneficiado por um fundo criado às pressas para tentar enviar um fã brasileiro à convenção mundial de FC em setembro deste ano. O comitê é formado por ROBERTO DE SOUSA CAUSO (Presidente), MARCELLO S. BRANCO (Secretário) e HUMBERTO FIMIANI (Tesoureiro), e tentará colher doações e realizar uma campanha que inclui um leilão para arrecadar fundos. O endereço: R. André Dreifus 109/163-bloco 2, São Paulo-SP, CEP 01252-901, F.:(011) 871 3646.

* BRAULIO TAVARES informa que os primeiros títulos da coleção de literatura fantástica por ele organizada junto à Ed. 34 Letras deverão apare-

recer no segundo semestre. Trabalhos de ROBERT SILVERBERG e TIM POWERS já foram selecionados.

PUBLICAÇÕES

* O clubzine Diário de Bordo, da Frota Estelar Brasileira, se torna o primeiro semiprozine do país. A edição é de SILVIO ALEXANDRE, também editor da Coleção Zenith, da Aleph. A distribuição ficou por conta da Devir, e o semiprozine pode ser encontrado nas livrarias onde ela tem distribuição, ou com a associação à FEB.

* O fanzine Informativo Perry Rhodan está circulando com seu Nº 8, apresentando grande melhoria na apresentação visual e algumas matérias bem interessantes, com notícias exclusivas da FC na Alemanha. Novo endereço: R. André Marques, 209/09, Santa Maria RS, 97010-041.

* Volta a circular o fanzine Hiperespaço, com edição de CESAR R.T.SILVA, e numeração partindo do Nº 21 (o fanzine havia parado em 1988 no Nº 20) | Cx.P.375, Sto.André-SP, 09001-970.

* Já apareceu o primeiro número do Juvenatrix, fanzine de RENATO ROSATTI antes chamado Vortex, que também manteve a numeração após a mudança. R.Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo, SP, 04773-070.

* Invasor é um jornal alternativo de assuntos culturais que trouxe em seu nº 9 matéria sobre o Cyberpunk. Outros assuntos são HQ e música. Av. Getúlio Vargas, 429, sala 102, Araruama-RJ, 28970-000. Distribuição gratuita.

* Falando em cyberpunk, o Time de 1º de março trouxe matéria referente, a bordando o movimento como nova contracultura da era eletrônica. Pouco tempo depois a Folha de São Paulo foi no embalo e publicou um caderno "Mais" sobre o assunto.

* O fanzine Warp 9 Nº 2 também está por aí, com ótima apresentação visual e matérias que começam a variar. R. João Barbosa, 53, São Paulo-SP, CEP 03323-030.

* ZAP! é um novo fanzine multimídia, apresentando matérias sobre HQ, TV, RPG, etc. O editor é ANTONIO LIMA e a publicação é credita ao Clube Geração Parabólica. R. Domingos Moreira,

Oliveira, 12, São Paulo-SP, 08490-220

* Parece que a Coleção Zenith vai voltar finalmente em 1993, com Dinossauros, antologia organizada originalmente por GARDNER DOZOIS e JACK DANN, reunindo histórias de dinossauros. Um livro que aproveita a onda desses bichos, trazendo trabalhos por autores novos ao lado de CLARKE e SPRAGUE DE CAMP.

* A Aleph lançou no primeiro semestre a segunda edição de O Jogo do Exterminador, de ORSON SCOTT CARD, em um volume enxugado de algumas impropriedades editoriais.

T E L E V I S Ã O

* A série Star Trek teve grande espaço nos dias 27 e 28 de março, primeiro no programa Long Shot, da Gazeta, e depois no Talk TV, da Record.

INTERNACIONAL

* Vencedora do Segundo Prêmio Tiptree: Maureen F. McHugh, com China Mountain Zhang (Tor)

O prêmio é dado a uma história que explora o papel dos sexos na FC/F.

* Vencedor do Prêmio Philip K. Dick: Richard Grant, com Through the Heart (Bantam Spectra)

O prêmio é dado ao melhor romance de edição original em brochura.

* O semiprozine americano Locus completa 25 anos de cobertura do mundo da FC com uma edição especial. Seu editor, CHARLES N. BROWN, começou a publicação como um newsletter de uma página, publicado duas vezes por semana. Hoje é o mais importante órgão informativo da FC no mundo.

* O Fim do Terceiro Mundo, romance do brasileiro Márcio Souza, é o primeiro livro de um autor nacional a ser comercializado no mercado americano de FC, que seja do meu conhecimento. Em inglês se chamará Lost World II - The of the Third World, e sairá em julho pela editora Avon.

* A edição de abril da Asimov's Science Fiction (novo nome da antiga IASFM) trará a última novela de "Fundação" escrita pelo Grande Mestre Nebula Isaac Asimov, falecido ano passado.

** Os indicados para o Prêmio Nebula 1992:

•Melhor Romance:

A Million Doors Open, John Barnes
Sarah Canary, Karen Joy Fowler
China Mountain Zhang, M.F. McHugh
A Fire Upon the Deep, Vernon Vinge
Doomsday Book, Connie Willis
Briar Rose, Jane Yolen

•Melhor Novela:

"Silver or Gold", Emma Bull
"The Territory", Bradley Denton
"Protection", M. F. McHugh
"City of Truth", James Morrow
"Contact", Jerry Oltion & Lee Goodloe
"Barnacle Bill the Spacer", Lucius Shepard
Griffin's Egg, Michael Swanwick

•Melhor Noveleta:

"Matter's End", Gregory Benford
"The July Ward", S.N. Dyer
"The Honeycrafters", Carolyn Gilman
"Danny Goes to Mars", Pamela Sargent
"Suppose They Gave a Peace", Susan Schwartz
"Prayers on the Wind", Walter Jon Williams

•Melhor Conto:

"Life Regarded as a Jigsaw Puzzle of Highly Lustrous Cats", Michael Bishop
"Lennon Spex", Paul DiFilippo
"The Mountain to Mohammed", Nancy Kress
"Vinland the Dream", Kim Stanley Robinson
"The Arbitrary Placement of Walls", Martha Soukup
"Even the Queen", Connie Willis

Comentário: é bom ver histórias de revistas como Analog ("Contact") ou Amazing ("Lennon Spex") sendo indicadas.





Keith Laumer

* Morreu KEITH LAUMER, em 23 de janeiro aos 67 anos. Escritor muito prolífico nos anos 60 - chegou a produzir 50 romances entre FC, aventura e suspense. LAUMER se caracterizou por escrever histórias de ação e aventura, tendo por base sua experiência pessoal de ter servido por muitos anos no serviço militar e em diplomacia. Escreveu séries de considerável sucesso e seu personagem Jaime Retief (um diplomata inter-estelar) vivendo mil aventuras por mundos alienígenas talvez seja a melhor maneira de lembrar seu trabalho. Em língua portuguesa, pela "Argonauta", foram publicados: Mundo Alternante (Worlds of the Imperium) nº 149 - seu primeiro romance publicado em 1962; Sangue da Terra (Earthblood) nº 160 - escrito em parceria com ROSEL GEORGE BROWN; Corrupção nas Galáxias (Envoy to New Worlds) nº 212 - este com seu personagem clássico Jaime Retief. Mas apesar desta marca de autor de histórias de ação, LAUMER não concordava, argumentando: "A ação em meus livros é puramente acidental. Eu acho mais interessante colocar minhas idéias num enredo dinâmico, do que se perder em discussões acadêmicas." É a velha polêmica que cerca os autores mais preocupados em contar uma boa história, do que com aspectos formais ou estilísticos de sua literatura.

* Em meio aos sinais de leve recuperação da economia americana, surge mais uma revista dedicada à ficção científica: Expanse. Ressalta que só publicará contos, artigos e resenhas de FC - talvez uma concorrente à Analog? A primeira edição destaca John Brunner e L. Sprague de Camp.

* Depois do sucesso de público e crítica com "The Hammer of God" (publicada na Time em 92), ARTHUR C. CLARKE vendeu um romance homônimo. A tiragem inicial é de 100 mil cópias, com uma grande campanha publicitária marcada para junho. Vamos esperar.

ÔNEMA

* Na 65ª cerimônia do OSCAR, em março, dos gêneros fantásticos, apenas o Horror teve vez. Drácula de Bram Stoker (Bram Stoker's Dracula), competente super-produção de Francis Ford Coppola, levou os prêmios por Edição de Efeitos Sonoros, Maquiagem e Figurinos. Já a comédia de humor negro A Morte lhe Cai Bem, estrelada por Meryl Streep, levou o prêmio por melhor Efeitos Visuais.

* Já pode ser visto em alguns cinemas de São Paulo, o trailer de um dos mais aguardados filmes de FC do ano: Jurassic Park (que deve se chamar aqui O Parque dos Dinossauros), de Steven Spielberg, baseado no romance homônimo de Michael Crichton, best-seller lá e aqui. A expectativa também é para a recuperação do prestígio do 'mago' Spielberg depois do fiasco de Hook. No Brasil o filme deve estreiar em junho.

* Foi exibida em março em São Paulo e Rio de Janeiro a versão original do cult e clássico da FC, Blade Runner. A versão do diretor Ridley Scott difere em detalhes da versão mundialmente conhecida. Resta a questão: excesso de preciosismo de Scott ou uma jogada de marketing para faturar milhões de dólares?

* Voltando à literatura. Morreu SCOTT MEREDITH, um dos mais bem sucedidos agentes literários de todos os tempos aos 69 anos. Sua agência a Scott Meredith Agency fez escola: foi a primeira a levar a literatura de ficção a sério, massificando-a. E a primeira a comercializar a FC em todo o mundo. Alguns dos mais importantes agentes literários dos Estados Unidos começaram com MEREDITH, como RICHARD CURTIS e RALPH VICINANZA. Ele trabalhou com praticamente todos os grandes nomes da FC, como ISAAC ASIMOV, ARTHUR C. CLARKE, THEODORE STURGEON e FREDERIK POHL. SCOTT começou como um fã, participava das reuniões dos Futurians e compareceu à primeira Convenção Mundial de FC. Outra expressão proeminente que a FC perde. (*) - no dia 11 de fev.

ATENÇÃO!

Juvenatrix

Já está circulando a edição nº 7 de Juvenatrix (ex-Vortex) que traz um conto de Carlos Drummond de Andrade, D Planeta Vermelha, autor recentemente publicado na revista Isaac Asimov Magazine; um artigo sobre a série de FC setenta nos EUA, Dabylon 5, por Roberto de Souza Caetano e outro sobre o nostálgico Espaço 1999, por Jorge Luiz Calife; além de muitas mais contos, artigos e ilustrações por grandes personalidades da ficção nacional.

Faça sua assinatura por 2 réguas através de cheque nominal cruzado no valor de R\$ 3,00, de acordo com o período na data do envio.

JUVENATRIX

A/C RENATO ROSATI
Rua Irão Ivo Bernardo 40
CEP 04773-070 São Paulo-SP

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

LIVRO

* TRÍPLICE UNIVERSO, Gumerindo Rocha Dórea, organizador. Edições GRD - Col. FC nº 14, janeiro 1993, 172 páginas. Antologia com a presença dos três autores vencedores do Concurso "Jerônimo Monteiro", promovido pela Isaac Asimov Magazine em 1990. "Os Fantasmas de Vênus" de Roberto Schima, "Julgamentos" de Cid Fernandez e "Capacetes Azuis, Verdes e Amarelos" de Roberto de Sousa Causo (este conto primeiro publicado no MEGALON 20). Iniciativa que só merece elogios e apoio de todo fandom. Resenha em breve nas páginas deste fanzine.

FANZINES

* ANTARES, Jane Terezinha Mondello de Sousa, editora. Ano IX, nº 58, set/out 1992, 24 páginas. Acreditem ou não, aqui está um dos últimos exemplares de um dos mais antigos e difíceis zines da FC nacional - a propósito, nos foi enviado pelo Miguel Carqueija. Capa de Roberto Schima, listas e pesquisas bibliográficas de Ruby Felisbino Medeiros, artigos (entre eles uma pirataria com Isaac Asimov), poesias e muita propaganda do Clube de Leitores de FC. O zine é o boletim do "Núcleo RS do CLFC", o Clube de FC Antares já é passado. Av. Ipiranga, 1865 Conjunto 3 90160-093 Porto Alegre, RS.

* DIÁRIO DE BORDO, Luiz A. Navarro, editor. Ano III, nº 12, jan. 93, Cr\$ 50000,00. Todo modificado nos chega o órgão oficial da Frota Estelar Brasileira. Feição de revista, capa colorida, ótima diagramação. Artigos sobre Star Trek, ciência, cinema e um bom ensaio de José Paulo Paes sobre Frankenstein. À venda em bancas de S. Paulo. Prestígio: Caixa Postal 14592 CEP 03698-970 SP/SP.

* ... E NO PRÓXIMO EPISÓDIO..., Leonardo Bussadori e Roosevelt S. Garcia, editores. Nº7, out/nov/dez 92, 48 páginas. Fanzine dedicado a séries de TV muito bem produzido. Notícias, curiosidades, artigos e destaque para Star Trek - The Next Generation. Assine: Caixa Postal 15608 CEP 03398 São Paulo, SP

* GALILEO, editado por um grupo de sócios da Frota Estelar Brasileira - vem como encarte do Diário de Bordo. Nº 1, fev. 93, 8 páginas (na cor verde). Sátiras e piadas ao universo de Star Trek, filmes e a eles próprios. Destaque para o conto "Silva, Nosso Homem no Espaço", autor não creditado. Escrever para o mesmo endereço do Diário de Bordo.

* HIPERESPACO, Cesar R.T. Silva e José Carlos Neves, editores. Ano VI, nº 21, março 93, 16 páginas. Depois de 5 anos, volta um dos mais tradicionais fanzines da FC brasileira. Um acontecimento! Capa de Cesar R.T. Silva, conto, modelismo, notícias e artigos. Colabore, assine: Caixa Postal 375 09001-

970 Santo André, SP.

* INFORMATIVO PERRY RHODAN, Alexandre P. dos Santos, editor. Nº 8, jan/fev 93, 24 pág. Capa de Roberto Schima, contos, artigos, notícias, HQs. Um fanzine feito com muita luta e que melhora a cada edição. Prestígio: Rua André Marques, 209 ap. 09 CEP 97010-041 Santa Maria, RS.



* JUVENATRIX, Renato Rosatti, editor. Ano III nº 7, março 93, 22 págs. Capa de José Carlos Neves, artigos de Calife e Causo. Destaque para Carlos Orsi Martinho em seu conto "O Planeta Vermelho". Ótimo zine (ex-Vortex) que se enriquece a cada edição. Editado pelo vencedor dos Prêmios TAPIRAI e NOVA deste ano. Colabore: Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 04773-070 São Paulo, SP.

* SOMNIUM, R.C. Nascimento, editor. Clube zine do Clube de Leitores de FC, Ano VII, nº 57, jul/out 92, 80 páginas. Ainda tentando tirar seu atraso, o maior e mais bem produzido zine brasileiro. Capa de Causo, notícias, artigos de Bráulio Tavares, Finísia Fideli e outros; novela de Fábio Fernandes, conto de Schima e muita colaboração do exterior: Venezuela, Portugal, Rússia. Colabore: Caixa Postal 2209 CEP 01060 São Paulo, SP

* STARFLEET, Luiz Roberto M. Mundel, editor. Mais um boletim informativo da Frota Estelar Brasileira. Nº 1, fev 93, 3 páginas. Zine que aborda tabelas, plantas e curiosidades sobre espaçonaves de FC e as que já existem. Nesta edição, a nave em destaque é a USS Excelsior. Escreva para o mesmo endereço do D. Bordo.

* WARP 9, Paolo F. Pugno e Ivo Luiz Heinz, editores. Fanzine da "Divisão de Engenharia" da Frota Estelar Brasileira (já notaram a quantidade de publicações que este clube tem?!). Volume 2, nº 1 (edição 3), mar/abr 93, 24 páginas. Capa de Leonardo Bussadori, artigos de divulgação científica e sobre Star Trek de Cesar Augusto Othero Tiossi, Ivo e Causo. Uma nave estelar projetada por Paolo Pugno: USS Aurora. O zine está aceitando artigos sobre Hard SF. Prestígio: um zine que melhora a cada número: Rua João Barbosa, 53 03323-030 São Paulo, SP.

PRÊMIO TAPIRÁI 1993

Pelo segundo ano consecutivo, MEGALON organiza e premia os melhores da ficção científica, fantasia e horror no Brasil no campo amador. Neste ano há indícios que mostram que o evento se revestiu de certo reconhecimento e prestígio junto ao fandom. Ano passado 16 leitores votaram (45% do total de cédulas enviadas). Em 1993, também o número de votos chegou a 16, só que correspondeu a 54% do total de cédulas enviadas. Isso mostra que o número de votantes (e portanto leitores) caiu, mas houve um interesse maior entre os leitores atuais.

A seguir os resultados completos. Os vencedores receberam um certificado, numa cerimônia que se realiza dia 17 de abril (sábado) às 14 horas na Gibiteca Municipal Henfil, localizada à Rua Senna Madureira, 298 Vila Mariana (próxima à estação de metrô), São Paulo, SP. Na mesma oportunidade serão entregues os troféus aos vencedores do Prêmio Nova 1992. Compareça, prestigie, leve os amigos.

MELHOR FICÇÃO-CURTA

Col.	Ficção-Curta	Autor	Pontos	Votos	1ºs
1º	EXERCÍCIOS DE SILÊNCIO	FINÍSIA FIDELI	35	9	2
2º	RENDIÇÃO DO SERVIÇO DE GUARDA	GERSON LODI-RIBEIRO	28	9	2
3º	CAPACETES AZUIS, VERDES E AMARELOS	ROBERTO DE SOUSA CAUSO	27	7	2
4º	CENTAURI	JORGE LUIZ CALIFE	26	7	2
5º	O BÊBADO DE PANCADA	ROBERTO DE SOUSA CAUSO	19	4	2
6º	MEIA PALAVRA BASTA	A.B. MACIEL	19	6	1
7º	TRÁFEGO	CESAR R.T. SILVA	11	3	1
8º	VAMOS DANÇAR	ALEXANDRE N. CAMARGO	8	3	1
9º	ÁRVORES DE LUXO	MIGUEL CARQUEIJA	8	2	1
10º	ACHADOS E PERDIDOS	JORGE LUIZ CALIFE	6	1	1
11º	AMOR QUE SEJA ETERNO ENQUANTO DURE	IVAN CARLOS REGINA	6	3	0
12º	PAULA	CARLOS ORSI MARTINHO	5	2	0
13º	O TEMPO É UM CARRASCO IMPIEDOSO	IVAN CARLOS REGINA	5	2	0
	TODO O SILÍCIO DO MUNDO	GERSON LODI-RIBEIRO	5	2	0
14º	AS ETAPAS DO TEMPO	ARGOS ARRUDA PINTO	4	1	0
	MENOS QUE UM BALÃO NA TARDE VAZIA	ROBERTO SCHIMA	4	1	0
15º	O INVERNO E O ABRIGO	ARGOS ARRUDA PINTO	4	2	0
16º	PEQUENO NOVELO DE HISTÓRIAS	CARLOS ORSI MARTINHO	3	1	0
	CAMBIGÚ	JOSÉ CARLOS NEVES	3	1	0
	A NÉVOA DO DESERTO	LUIZ ZATAR	3	1	0
	O MUNDO AQUÁTICO	MIGUEL CARQUEIJA	3	1	0
17º	BEIRADA	CARLOS ORSI MARTINHO	2	1	0

COMENTÁRIOS: Concorreram 38 trabalhos (19 do MEGALON, 7 do Somnium, 5 do Vortex, 3 do Informativo Perry Rhodan, 3 de A Volta dos Dinossauros e o livro independente A Abadia). Foram votados 22 (58%), sendo 14 do MEGALON, 4 do Somnium, 3 do Vortex e 1 do opúsculo A Volta dos Dinossauros. Ao contrário do ano passado, quando houve um maior equilíbrio, neste ano alguns trabalhos se destacaram dos demais. Tivemos algumas noveletas de ótimo nível, além de mais alguns contos de boa qualidade que podem perfeitamente serem vendidos como trabalhos de nível profissional. A categoria sofreu uma queda quantitativa, devido à quase ausência do Somnium. Quanto aos autores, 3 dos cinco primeiros deste ano (Fideli, Lodi-Ribeiro e Causo) também ficaram entre as primeiras colocações no ano passado. Isso mostra o prestígio destes jovens autores junto à comunidade. Um autor mais antigo, Jorge Luiz Calife, surpreendeu com um bom conto, muito bem aceito pelos leitores. E de novidades, revelações, ano passado nada acrescentou. (MSB)

MEGALON

MELHOR TRABALHO DE NÃO-FICÇÃO

Col.	Articulista/Resenhador	Pontos	Votos	1ºs
1º	ROBERTO DE SOUSA CAUSO	30	8	2
2º	GILBERTO SCHOEREDER	29	8	2
3º	BRÁULIO TAVARES	23	6	1
4º	GERSON LODI-RIBEIRO	21	8	0
5º	ANDRÉ CARNEIRO	18	4	2
6º	FÁBIO FERNANDES	16	5	1
7º	JORGE LUIZ CALIFE	15	3	2
8º	CESAR R.T. SILVA	14	5	1
9º	CESAR AUGUSTO OTHERO TIOSSI	10	2	1
10º	RUBY FELISBINO MEDEIROS	9	4	0
11º	FERNANDO QUADROS GOUVEIA	8	2	1
12º	RENATO ROSATTI	7	2	1
13º	IVO LUIZ HEINZ	6	1	1
	LUIS SAULO ADAMI	6	1	1
14º	FINÍSIA FIDELI	5	2	0
15º	R.C. NASCIMENTO	5	3	0
16º	ALEXANDRE PEREIRA DOS SANTOS	4	1	0
	ÁLVARO RICARDO DE SOUZA JÚNIOR	4	1	0
	PAOLO FABRIZIO PUGNO	4	1	0
17º	HENRIQUE FLORY	3	1	0
18º	JOSÉ DOS SANTOS FERNANDES	3	2	0
19º	DECIO ONE	2	1	0
	LEONARDO BUSSADORI	2	1	0
	LUIZ ZATAR	2	1	0
20º	ROBERTO SCHIMA	1	1	0

COMENTÁRIOS: De 53 concorrentes, 25 foram lembrados (47,2%). Na primeira edição do TAPIRAI, esta categoria se restringia apenas aos resenhadores. Agora com todos os trabalhos de não-ficção participando, o número de concorrentes aumentou bastante. Outra razão é o aumento de publicações amadoras verificada em 1992. Resultados finais sem surpresas. Causo é um dos melhores ensaístas e críticos do campo, seja na esfera fã ou profissional, há muitos anos. Incrível foi a disputa ponto a ponto com outra fera da categoria Gilberto Schoereder, costumaz vencedor de categorias deste tipo. Até a 8ª colocação todos os votados são bem conhecidos e estabelecidos no fandom. Depois foi ao gosto de cada um. Resultados ao mesmo tempo surpreendentes e discutíveis. A notar que dois resenhadores fixos José Fernandes no Somnium e Miguel Carqueija no MEGALON, obtiveram índices inexpressivos - Carqueija nem ao menos recebeu um voto, sendo que em 92 ele ficara em 4º lugar. Dá para explicar isso? Outra ausência foi a do editor do MEGALON que se concorresse alteraria um pouco as primeiras colocações, visto seu segundo lugar em 1992, quando participou. (MSB).

MELHOR ILUSTRADOR

Col.	Ilustrador	Pontos	Votos	1ºs
1º	ROBERTO SCHIMA	68	15	9
2º	ROBERTO DE SOUSA CAUSO	48	11	3
3º	JOSÉ CARLOS NEVES	27	7	2
4º	CESAR R.T. SILVA	24	10	0
5º	LEONARDO BUSSADORI	12	4	1
6º	MAURÍCIO TAVARES	10	4	0
7º	GUILHERME BRIGGS	9	3	0
8º	ZEO	9	5	0
9º	GIORGIO	8	3	0
10º	LUIZ ZATAR	7	2	0
11º	GASTÃO MORETTI	6	1	1
12º	ALEXANDRE RAMOS MASTRELLA	4	1	0
13º	KLEBER INÁCIO LUZ	4	2	0
14º	HIRO	3	1	0
15º	MIGUEL CARQUEIJA	2	1	0
16º	DANIEL PEREIRA DOS SANTOS	1	1	0
	DOUGLAS CAMILLO REIS	1	1	0
	ERASMO ZACHARIAS	1	1	0
	GILBERTO SCHOEREDER	1	1	0
	SERGIOVAL BRUNO VICTOR DE LIMA	1	1	0

COMENTÁRIOS: 26 ilustradores apareceram com seus trabalhos em 92, e destes 20 foram lembrados pelos leitores (77%). Um alto índice de distribuição de votos, portanto. Apesar disso, Roberto Schima venceu novamente (a exemplo do ano anterior), sem ser ameaçado em momento nenhum por Roberto de Sousa Causo, o segundo colocado. Schima além de seu talento, está vencendo prêmios ultimamente pelo prestígio já estabelecido junto ao fandom, como ilustrador e como escritor também. As demais colocações não apresentam novidades. A não ser a presença de Leonardo Bussadori em 5º lugar, fruto das ótimas ilustrações sobre Star Trek que fez em 1992. Um nome a ser mais selecionado pelos fanzines em geral. (MSB)

MELHOR EDITOR

Col.	Editor	Pontos	Votos	1ºs
1º	RENATO ROSATTI (<u>Vortex</u> , <u>Megalon</u>)	57	13	4
2º	ROBERTO DE SOUSA CAUSO (<u>Papêra Uirandê</u>)	47	11	4
3º	R.C. NASCIMENTO (<u>Somnium</u> , <u>Inf. CLFC</u>)	40	12	2
4º	LUIZ A. NAVARRO (<u>Diário de Bordo</u>)	19	5	1
5º	LUCIO MANFREDI (<u>Somnium</u>)	19	6	1
6º	GILBERTO SCHOEREDER (<u>Gazz</u>)	11	3	1
7º	PAOLO FABRIZIO PUGNO (<u>Warp 9</u>)	9	3	1
8º	ALEXANDRE P. DOS SANTOS (<u>Inf. Perry Rhodan</u>)	8	3	0
9º	CRISTINA NASTASI (<u>JetCom</u>)	8	5	0
10º	ANNA CREUZA (<u>A Abadia</u>)	7	2	1
11º	IVO LUIZ HEINZ (<u>Warp 9</u>)	4	1	0
12º	MIGUEL CARQUEIJA (<u>A Volta dos Dinossauros</u>)	4	2	0
13º	ÁLVARO RICARDO DE SOUZA JÚNIOR (<u>Publ. SAST</u>)	3	1	0
14º	RUBY F. MEDEIROS (<u>Notícias do Fim do Nada</u>)	3	3	0
15º	FERNANDA S. ALVES (<u>TrekkerGrama</u>)	1	1	0

COMENTÁRIOS: 19 idealistas/masochistas concorreram, sendo 12 editores de fanzines e 3 por edições independentes (ao contrário do ano passado, quando só fanzineiros apareceram). Destes 15 foram votados (79%), no mais alto índice de lembrança de nomes em uma mesma categoria. Em 92 com a vitória de Marcello Simão Branco, a categoria esteve em vias de desaparecer dado o constrangimento do editor do MEGALON por ter levado o prêmio - apesar da vitória ter sido por larga margem. A categoria continuou - sem a participação do promotor do evento - e justificou-se plenamente, seja na qualidade dos editores concorrentes, seja na demanda de votos que a categoria recebeu. Coisas interessantes podem ser tiradas da classificação acima. A vitória de Renato Rosatti dá a ele o reconhecimento que ele reclamava em não ter como fundador e editor do MEGALON - tanto assim, que este foi um dos motivos de sua saída do MEGALON no final de 92. Além de ser premiado por seu próprio fanzine particular, o Juvenatrix (Vortex até o ano passado), uma publicação que cresce a olhos vistos em meio às publicações do fandom. A categoria se democratizou em várias opções, prevendo que em 94, a disputa será ainda mais acirrada. Muitos novos fanzines apareceram e continuam a surgir e voltar este ano. As publicações independentes saíram das cinzas, fruto da abnegação pessoal de seus realizadores, que não tiveram o devido reconhecimento dos votantes. Enfim, esta categoria está quentíssima e pelo que vem por aí em número e qualidade dos fanzines, podemos esperar uma saudável disputa ao TAPIRAI no ano que vem. (MSB)



Simone Saueressig

TRAZEMOS ATÉ VOCÊS, SIMONE SAUERESSIG. JORNALISTA, 27 ANOS, COREÓGRAFA, BAILARINA E... ESCRITORA DE FC&F. UMA DAS PRIMEIRAS REVELAÇÕES DO FANDOM BRASILEIRO ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO BOLETIM ANTARES. JÁ VENCEU CONCURSOS LITERÁRIOS E TEM ALGUNS LIVROS PUBLICADOS. APESAR DISSO, ELA NÃO TEM TIDO MUITO CONTATO COM A COMUNIDADE DE FÃS. RECÉM VINDA DE UM FÓRUM DE LITERATURA NA ESPANHA, SIMONE ABRE O JOGO, DIZ O QUE PENSA, O QUE TEM FEITO E SEUS PLANOS PARA O FUTURO DE SUA PROMISSORA CARREIRA DE ESCRITORA DE FC&F, NUMA ENTREVISTA A MARCELLO SIMÃO BRANCO.

MEGALON - Em primeiro lugar, gostaria que você se reapresentasse aos fãs - principalmente de São Paulo e do Rio - depois desta ausência de alguns anos em que você não aparece nas páginas de um fanzine.

SIMONE SAUERESSIG - É, faz um tempo que ando sumida. Não tenho escrito nem para fanzines, nem para meus correspondentes. Já prometi umas 20 vezes à Jane Terezinha do Antares que ia ser mais assídua, mas fica difícil. Bem, meu nome é Simone Saueressig, o que em alemão significa "vinagre azedo". Tenho 27 anos, trabalho no Jornal NH - de Novo Hamburgo (RS) -, no suplemento infantil "Popinha". Se o trabalho não fosse por si tão cheio de detalhes que me absorvem diariamente exerço o papel de coreógrafa e bailarina. Coita do meu trabalho de literatura. Mas eu suponho que não saberia viver de outro jeito.

MEGALON - Você publicava muitos contos no Boletim Antares do Clube de FC Antares, com algum sucesso e repercussão entre os leitores. Por que você nunca colaborou com publicações de São Paulo e nem se associou ao Clube de Leitores de FC?

SIMONE - Pois é... bom, em primeiro lugar, sei que os contos receberam menção honrosa e prêmio, mas será que dá para chamar de boa repercussão? O interesse do MEGALON me parece bem mais concreto, nesse sentido. Não estou desprezando os prêmios. Eles são um respaldo para o trabalho da gente. Mas são estas mostras de interesse que realmente fazem a gente se sentir lido. Porque nunca publiquei em São Paulo? Ah, não sei. Acho que o fato de escrever FC&F - mas sobretudo FC - foi algo mais corriqueiro no início, quando comecei a escrever. Foi nessa época, também que descobri o Antares e participei dos concursos. Mas para passar a escrever para fanzines de São Paulo eu teria de manter uma produção mais regular de contos e isso nunca aconteceu. Ainda mais que eu sou demorada para escrever e nem sempre eu tenho tempo. Quanto a me associar, sei lá, sempre fui meio solitária. Clubes realmente não fazem a minha cabeça. Prefiro ficar na minha, ver as pessoas de vez em quando, trocar idéias, e ouvir um bocadinho de coisas que não tem nada a ver com fantasia ou FC. Aí, de repente a gente fala desta ou

daquela obra e fica uma troca de "figurinhas" muito interessante. Às vezes, quando a gente fala tudo uma mesma linguagem, fica hermetico, bitolado e termina por cair na mesmice. Tenho um medo louco disso, me polio sempre.

MEGALON - Nos fale um pouco dos seus livros e concursos que já participou. E atualmente está criando algo? Prepara um novo livro?

SIMONE - Tenho três livros editados: O Mistério do Formigueiro e A Noite da Grande Magia Branca pela Kuarup de Porto Alegre, e O Palácio de Ipê pela LePM de Porto Alegre. Conquistei o 4º lugar na Bienal Nestlé de Literatura em 1988, uma menção honrosa no II Prêmio Fausto Cunha, em 1985 e o terceiro lugar no III Prêmio Nacional Fausto Cunha, em 1991. Eu tenho trabalhado em alguns projetos mas o teatro e a dança tem me exigido mais. Quanto aos concursos, bem é aquilo: acho que todo mundo deve participar. Você não se torna conhecido por isso, e nem sempre uma premiação é um atestado de que o sujeito é um bom escritor. Mas como eu já disse, o prêmio, uma vez conquistado, te dá respaldo, prestígio. Isso é importante para você chegar numa editora, porque as pessoas vão prestar um pouco mais de atenção em você.

MEGALON - Você transita muito bem entre a FC e a fantasia. Até que ponto é importante os possíveis limites e fronteiras de um gênero a outro. Ou vale muito mais a liberdade de criação do escritor sem se prender a rótulos?

SIMONE - Olha, eu acho que a FC é um troço bem mais complicado do que se imagina. Por exemplo: o cometa que vai se chocar com a Terra em 2114, bom, aí está uma aventura e tanto que até bem pouco tempo estava limitada ao mundo da FC. Mas a operação de salvamento do planeta irá extrapolar o gênero. Tem gente que vai acordar e descobrir que essas histórias não são tão malucas. Isso sem falar da Nasa e seu projeto de entrar em contato com alguma coisa lá em cima... Acho que o que mais limita a FC e a separa da fantasia é a natureza da informação. Na FC se trabalha com fatos e mesmo que se use a imaginação adoidada, é preciso respeitar leis físicas como a gravidade e outras. Por um lado, esse é o maior desafio da FC: criar um sistema a partir de informações existentes. E de-

ntro disso, inserir uma história. Você tem regras para construir sua liberdade. O desafio da fantasia são os estereótipos, os arquétipos, os símbolos. Você tem a liberdade para respeitar as regras. Claro, a busca do envolvimento da fantasia é quebrá-los: os guerreiros bons não usam mais branco, os maus viram heróis e a luta entre o bem e o mal causa, hoje, o equilíbrio entre as duas partes. Mas ainda existem princesas e predestinados. Na grandiosidade do armagedon dos mundos, nos esquecemos dos pequenos gestos. A maior conquista da fantasia será desligar-se dos destinos dos universos, do equilíbrio dos mundos e conquistar o destino do indivíduo, o equilíbrio do personagem não através do crescimento pela dor, mas pela compreensão de suas vontades e a consequência delas. Me incluo nesta busca e confesso que o espetáculo da luta apocalíptica e da destruição dos mundos é muito fascinante. Belo demais. Fácil demais. Outra grande diferença entre as duas - e entre os mais variados gêneros literários - é a linguagem. A FC parece mais despojada, meio soturna, mas sempre encerrando um futuro, uma possibilidade. Afinal, se você escreve sobre o que será, sempre há esperança de que haverá um futuro. Bom ou ruim, existe a esperança de que haverá vida humana - ou, pelo menos, vida. E por pior que seja o futuro para alguns autores, enquanto há vida, há esperança. Se é ruim o futuro de Blade Runner, haverá dia depois daqueles, um futuro diferente. Planetas, viagens galácticas - sempre há uma saída. Mas quando se fala em fantasia, é sempre algo ligado ao passado, ao que já foi. Um tempo que terminou. Os clássicos dos contos de fadas - que são a base de toda e qualquer história de fantasia - começam com o "Era uma vez..." e já não mais será, porque desta extraímos uma lição. Ninguém se deixa comer pelo bobo duas vezes, a menos que seja muito trouxa. Voltando à linguagem, na fantasia ela se torna rebuscada porque acrescida de imagens, de experiências e saudades. Pensando bem, é estranho. Somos viajantes do passado, quanto ao passado e do futuro quanto ao futuro. Por que? Porque quando falamos de fantasia, criamos um passado antes deste para justificá-lo. Mas nós somos o passado do futuro, e quando se escreve uma história de FC quase que o negamos ao navegar furiosamente rumo ao que será. O futuro precisa ser posto em pratos limpos e assim sua linguagem é mais precisa, baseada em fatos. Mas isso significa compreensão dos mesmos - e como manter um passado para o futuro, se encontramos tamanha dificuldade de compreendê-lo, isto é, de compreender nossa própria época? O presente? É isso que quero dizer com ser um troço bem mais complicado do que se imagina, escrever FC. Acho que o que faço tem mais a ver com fantasia mesmo - fantasia rumo aos mitos do passado, e fantasia rumo ao futuro. Quanto ao rótulos, bem, eu sei que meu trabalho assume esta ou aquela cara, de vez em quando. Mas eu me preocupo muito mais em

buscar o texto bom e a boa história.

MEGALON - Como é seu processo de criação? Como surgem suas idéias?

SIMONE - A inspiração existe, claro. Mas no meu trabalho não posso me deixar levar por suas ondas. O trabalho no jornal, não pode esperar e eu também não. Há que se trabalhar para se ter resultados. Não acredito em outros meios.

MEGALON - Que autores e obras você admira - seja dentro ou fora da FC&F - e em que medida eles influenciam em seu trabalho?

SIMONE - Bom, essa é fácil: J.R.R. Tolkien e Isaac Asimov. Existem outros que eu admiro: Michael Ende, Ray Bradbury, Stephen King. Mas foi Tolkien quem, literalmente, me levou a escrever. E Asimov me mostrou a lucidez do autor de FC e a sua necessidade de estar constantemente se informando sobre as descobertas científicas. Existe um outro autor de fantasia que geralmente é esquecido: C.S. Lewis e sua série As Crônicas de Narnia, entre outros. Mas aprecio quase todos os autores de fantasia e também o gênero horror.

MEGALON - Você tem acompanhado a produção de FC&F brasileira destes últimos anos? O que tem achado da qualidade de nossa ficção?

SIMONE - Pra falar a verdade, muito pouco. Mas vou dizer o seguinte: para nós o que falta é a informação, a descoberta científica chegando quentinha, direto dos laboratórios e universidades. Nos chega tudo defasado e muitas vezes pela metade. Quem quer uma FC defasada? Ninguém. Além do mais, poucos brasileiros, sabe-se, chegam à universidade, inclusive os que escrevem FC. Por isso, ou você acaba fazendo uma literatura defasada em termos de informação, ou termina escrevendo para uma elite - que às vezes se envergonha de dizer que curte FC, inclusive - ou escreve qualquer coisa para todo mundo entender. Bom, com certeza não é isso que se quer. talvez nesse caso, o melhor seria optar por uma Fantasia Científica, como faz Ray Bradbury, procurando um denominador comum para a inteligência, visão e popularidade. Um texto que acima de tudo seja bom. E pelo pouco que conheço, acho que nosso caminho será uma FC que tenha a ver mais com o homem e menos com a máquina. Mais sociológica e menos tecnológica. É o jeitinho brasileiro.

MEGALON - De uns anos para cá, discute-se na comunidade de fãs e críticos a importância dos autores brasileiros de FC&F escreverem histórias que retratem nossa realidade histórica e cultural. Ou seja, discutir e refletir os problemas brasileiros à luz da FC, no chamado "Movimento Antropofágico da Ficção Científica Brasileira". Como você se posiciona em meio a esta questão.

SIMONE - Vou falar da minha área mais próxima, a fantasia, se vocês não se importarem. Acho que a fantasia resgata e a gente tem muito a resgatar. Existe um universo mágico à nossa disposição, muito nosso, totalmente oculto

por bruxas, duendes, gnomos, fadas, elfos e ogros. Adoro eles. Acho que os escritores brasileiros tem muito a aprender com eles e os autores de suas histórias porque acredito que antes de mudar as coisas a gente deve conhecê-las. Quer dizer: para criar uma literatura de fantasia nossa, é preciso aprender alguns elementos junto aos mestres. Depois a gente faz o que achar melhor. Precisamos, sem a menor dúvida, escrever nossas histórias, com nossas paisagens e nossas personagens. É urgente. Eu sempre acreditei nisso. É um trabalho que resgata a cultura e a mantém viva através da sua movimentação, da sua transformação. Se os He-Man da vida são sucesso, parte da responsabilidade é nossa, dos produtores culturais, que fizemos muito pouco para evitar isso. Começando pela dificuldade de

caçsita muita auto-estima, auto-crítica e auto-confiança. Precisa pensar o que escreveu um estranho que o lê pela primeira vez. E tem outra. A falta de mercado é braba. Eu sei. Todo mundo sabe. Mas se o mercado é fechado, não é com qualquer texto que se vai ~~v~~romper essa barreira: é com o texto bom, que se sustenta sozinho. É aquele que, mais do que gênero, tem qualidade literária. É desse trabalho que falo. E eu sei que ele não é fácil. Agora imagine você escrevendo um texto intitulado "H₂O". A maioria das pessoas (não as que lêem fanzine, espero) nem sabe o que é isso. Fica difícil porque nosso público não é apenas quem lê fanzine. Precisamos conquistar um público. Quer dizer, além de toda dificuldade de pôr o livro na rua, você precisa convencer as pessoas a ler. Difícil. Uma vez li que

"A MAIOR CONQUISTA DA FANTASIA SERÁ DESLIGAR-SE DOS DESTINOS DOS UNIVERSOS, DO EQUILÍBRIO DOS MUNDOS E CONQUISTAR O DESTINO DO INDIVÍDUO, O EQUILÍBRIO DO PERSONAGEM NÃO ATRAVÉS DA DOR, MAS PELA COMPREENSÃO DE SUAS VONTADES E A CONSEQUÊNCIA DELAS. ME INCLUO NESTA BUSCA E CONFESSO QUE O ESPETÁCULO DA LUTA APOCALÍPTICA DA DESTRUIÇÃO DOS MUNDOS É MUITO FASCINANTE. BELO DEMAIS. FÁCIL DEMAIS."

convencer os editores que existe uma FC e uma fantasia brasileira emergente e continuamos pela nossa teimosia. Conheço uma pilha de gente que sequer predispõe a estudar as possibilidades de mudança que editores oferecem. Estou falando daqueles escritores que mandam os originais para uma editora mas se recusam a mudar uma vírgula. Às vezes são iniciantes, aquele texto é o primeiro ou um dos primeiros. Ninguém é dono da verdade, mas a gente tem de ter a humildade de ouvir primeiro o que o editor diz e só então argumentar. Ninguém nasce sabendo e escrever envolve técnica e aprendizado como tudo na vida. Humildade e trabalho são fundamentais. Quem não aceita crítica, nem um "não" como resposta, não quer crescimento, quer elogio. Depois, se ne

o público brasileiro não consome FC ou fantasia porque convive com uma realidade fantástica de beleza e fartura, entre miséria e fome. E acredita em deuses, milagres, superstições com surpreendente simplicidade. talvez seja isso. Quem respira a fantasia dos candomblés não procura a fantasia do americano-explorador, do europeu-colonizador porque já tem a sua. Voltamos ao antropofagismo literário. Devidamente, o Brasil não conhece o Brasil.

MEGALON - E o fã? Em que medida as opiniões dos leitores são importantes em seu trabalho?

SIMONE - Bom, aí é terrível responder. A opinião do leitor importa no sentido que escrevo para ser lida e entendida. Se o que escrevo agride o leitor é um risco que corro. Afinal, quem fala o que quer, ouve o que não quer. Como aqui.



Todd Mecklem e Jonathan Falk são dois jovens autores da ficção científica norte-americana. Mecklem já publicou histórias em revistas profissionais dos Estados Unidos e da Europa, além de ~~ter~~ publicado, em parceria com Falk, o livro de ficção e poesias The Liquid Retreats. "O Pescador de Salamandras" marcou a estreia de Mecklem em nossas páginas na edição 19. Agora ele e Falk nos apresentam a estranha e curiosa história a seguir (no original "Albania" numa tradução de FÁBIO FERNANDES e arte de CESAR R.T. SILVA).

ALBÂNIA

POR TODD MECKLEM & JONATHAN FALK

A COSTA DA ALBÂNIA ESTAVA à frente da minha proa, a Hélade à minha direita, memórias de Stalin no interior. Uns golfinhos corriam junto com o barco. Eu olhava fixo para a água que escurecia, tentando ver a terra lá embaixo, estradas de pedras quebradas dos tempos de Diocleciano, com um brilho pálido sob as ondas.

Minha tripulação, um malaio e um americano, apareceram do lado do castelo de proa. Com alguns camarangueijos e uma enguia nas mãos grandes e cabeludas, o americano, um gigante chamado Cross, fez um gesto que abrangia a linha da costa. Ele não falava, mas entendi que estava questionando nosso propósito em navegar na direção daquela terra desconhecida.

- Onde é que você pegou essas coisas? - perguntei-lhe, fingindo não entender o significado de seus gestos. Nakhon, um pouco recuado, respondeu: no lago, antes que o gigante pudesse fazer outro gesto. O malaio já não regulava quando o conheci em Amsterdã, e percebi que isso era uma besteira qualquer que inventara na hora.

Cross insistiu. Ainda com os animais nas mãos, ele as balançou furiosamente, apontando as muralhas baixas de pedras e as praias de cascalho das quais nos aproximávamos. Fuzilei-o com os olhos, mas, vendo que ele estava realmente irritado, respondi.

- Vamos ancorar perto da margem. Amanhã vou mergulhar; acredito que existam artefatos aqui. O governo sabe de nossa presença aqui. - Esta declaração, não de todo verdadeira, pareceu satisfazer Cross. Retirou-se para a popa e começou a preparar a âncora. Nakhon, entretanto, ficou me olhando crítico, e abriu a boca quase sem dentes.

- Não vamos aportar aqui?

- Vamos ficar ao largo.

Então o malaio ficou furioso. Pegou um gancho pesado que estava nos convés e brandiu-o na minha cara. O gigante continuava tarbalhando. Eu não estava disposto a negociar com Nakhon: recuei até a proa e me armei com um gancho de corda. O amotinado permaneceu perto da porta da cabine, com um sorriso torto, e percebi que tinha de recuperar o controle da situação e rápido, antes que Cross decidisse tomar parte na revolta.

Olhando fixo para Nakhon, eu perguntei:

- Você acha que pode nos tirar daqui? - Minha voz saiu alta e trêmula. Nakhon não respondeu, ficou ali, respirando fundo, pesando a situação.

Nakhon correu para mim, segurando o espeto como se segura uma faca. Quando ele se aproximou, meu braço tremeu, e descobri que era incapaz de me defender com minha arma. Mas no instante final dei um chute no saco do malaio com minha bota, e ele caiu de joelhos, rolando contra a porta da cabine, onde ficou gemendo e xingando em sua língua nativa.

Ainda segurando o gancho, levantei a cabeça nervoso, e vi que o gigante nos olhava, embo



ra não parecesse alarmado. Ficamos todos paralisados por alguns momentos, congelados num absurdo quadro enquanto o barco continuava em seu curso na direção da costa. De repente, vi o que andara vigiando antes da luta: uma rocha, que despontava solitária no meio da água, da altura de um homem e com mais de um metro de largura, mas com uma enorme rachadura que a dividia do topo até a linha da água. Era de granito, azul-escuro, e parecia como se tivesse sido arremessada até ali em algum cataclismo recente; estava a mais de um quilômetro da costa. Quando vi a rocha, dei um salto.

- Jogue aquela âncora no mar! - gritei para Cross; então, chutando longe o espeto, agarrei Kakhon pelo colarinho de seu capote verde e forcei-o a se levantar. Segurando a ponta afiada do gancho perto de seu pescoço, arrastei-o até a cabine e algemei-o na perna de uma mesa. O barco deu uma sacudidela quando a âncora bateu no fundo. Saí e me certifiquei de que estávamos ancorados num ponto seguro. A rocha estava a menos de trinta metros. Ordenando a Cross que montasse guarda, tornei a entrar na cabine e me sentei.

Passada a crise imediata, comecei a sentir várias reações nervosas. Minhas mãos tremiam incontrolavelmente por vários minutos, e descobri que não conseguia engolir saliva, minhas gartanta estava fechada. Nakhon estava quieto, sentado no chão ao lado da mesa, olhando fixamente para mim. Quando me recuperei do tremor, armei-me já desnecessariamente com um revólver antigo, que estava escondido numa caixa sob a mesa dos mapas.

Minha situação era grave. Ancorado ao largo de uma costa hostil, com um membro da tripulação revoltoso, o outro muito instável; parecia que minha expedição longamente planejada certamente terminaria em fracasso. Mesmo assim, sentado na cabine escura, não pude evitar de pensar nos tesouros que eu sabia que me cercavam, talvez a menos de sete metros abaixo dos meus pés. Quando jovem, nadando e mergulhando nestas águas, eu havia deparado com ruínas submersas, que continham partes de edifícios, estradas e arcos arruinados. Os arcos eram de um verde brilhante, e pareciam as costelas de uma enorme baleia; mas quando bati numa delas, vibrara como metal. A área era permanentemente recoberta por verdadeiras paredes de lodo que flutuavam de um lado a outro, escondendo partes das ruínas e revelando outras estruturas. Naquele dia eu havia retornado à superfície com uma moeda dourada, uma moeda que nunca fui capaz de identificar, e que tarzia marcas que lembravam escrita cuneiforme. O mergulho havia me deixado exausto, e nunca fui capaz de voltar às ruínas, pois minha família fugiu da Albânia menos de uma semana depois, para escapar da invasão alemã. Foi só quando eu estava na universidade, em Nova York, que percebi o verdadeiro significado do que eu havia descoberto.

Minha volta a este lugar não havia sido fácil. Passei várias semanas trabalhando num cargueiro americano, cruzando os mares, e

depois juntei-me a uma equipe de salvagem no Caribe; ali aprendi técnicas básicas de mergulho e recuperação de objetos. Eu sempre juntava o que ganhava, e depois de algumas transações especulativas (e não inteiramente legais) no Canadá e na Argentina, consegui adquirir um velho navio de pesquisas, uma ratoeira robusta, pequeníssima, que podia ser pilotada praticamente por uma pessoa só. Contratei um parceiro para a longa viagem de Newfoundland até a Holanda, onde comprei equipamento de mergulho e consertei danos provocados pela travessia do Atlântico. Meu parceiro, depois do pagamento, conseguiu ser contratado por um navio de passageiros que voltava do Canadá, e achêi necessário contratar uma nova tripulação.

Achei Nakhon num parque em Amsterdã. Apesar de sua óbvia insanidade, e um inglês quase incompreensível (o único idioma que tínhamos em comum), ele era um marinheiro adequado, fora veterano da marinha de algum país, isso eu não sei. Encontrei Cross ao visitar um acampamento fora da cidade. Ele havia trabalhado em coisas estranhas ao redor do mundo no últimos quinze anos, e possuía conhecimentos de navegação, apesar de seu mutismo. Partimos da Holanda, navegamos até Palermo, na Itália, onde descansamos, reformamos e reabastecemos o navio. A última etapa de nossa viagem, cruzando o Mar Adriático, foi monótona, a não ser por uma tormenta que durou apenas algumas horas.

Passei a noite na cabine, dormindo no máximo razoavelmente, com o demônio malaio a somente alguns metros, e eu ficava imaginando que Cross poderia entrar na cabine e esmagar meu crânio enquanto eu dormia. A certa altura eu sonhei com um navio feito de tijolos, que eu pilotava por águas cobertas de gelo. Não havia terra à vista, e o céu tinha um tom de vermelho que não era natural. Lembro-me de pensar que era muito bonito. Não havia um único som.

Acordei diversas vezes, com muita sede, e depois de beber dava um pouco d'água a Nakhon. Ele fedia, e estava sentado numa poça de urina. Recusou-se a falar comigo. Tentei pensar nas tarefas que teria pela manhã, mas minha resistência era baixa, e eu estava quase me desesperando. Tínhamos apenas alguns dias de água fresca a bordo; aportar na costa albanesa para buscar mais seria suicídio. Tínhamos de terminar nossos negócios no dia seguinte e nos dirigirmos para alto mar, na direção da costa grega ou da italiana. eu teria talvez o tempo de um mergulho apenas, e estaria completamente a mercê de Cross enquanto submerso. Se eu mergulhasse ao amanhecer e apanhasse o que pudesse em um mergulho, com sorte poderíamos escapar sem sermos avistados por barcos de patrulha. Os albaneses não estavam esperando vítimas.

Tirei a moeda do bolso e fiquei olhando para ela, estranhos traços cuneiformes que um dia foram gravados em ouro quente e semi-líquido. O metal ainda parecia tão brilhante quanto no dia em que fora fundido, tão brilhante quanto no dia em que o tirei do fundo das

águas. Para minha mente nervosa, ela quase parecia falar comigo. Dizia que eu devo continuar com meus planos. Tornei a colocá-la no bolso, e caí novamente num sono entrecortado.

Rápido demais a cabine se encheu de luz, minhas costelas doeram, Nakhon resmungou e outro amanhecer tomara conta do Adriático. Meu ânimo melhorou quando olhei pelo convés; Cross estava preparando o equipamento de mergulho. Cumprimentei-o animado, e dei-lhe um tapinha no ombro.

O gigante pareceu satisfeito em me ver. Havia preparado um pouco de café, e tomei uma caneca cheinha e comi uns biscoitos.

- Nakhon deve permanecer trancafiado, pelo menos até o fim do meu mergulho. - Cross assentiu, e não pareceu aborrecido com a virada dos acontecimentos. talvez sentisse uma rivalidade com o malaio que eu não havia percebido. Ou então talvez estivesse planejando nos matar a ambos, quando eu mergulhasse, e tomar o navio para si.

Quando eu colocava meu traje de mergulho (um conjunto francês pesado que eu tinha adquirido em Haia), Nakhon começou a gritar. Fiquei nervoso, e vasculhei o mar por todos os lados a procura de barcos, mas não vi nada. Entrei na cabine e coloquei uma mordaca em sua boca, gritando com ele enquanto se debatia.

- Cale a boca, animal. Quando eu voltar te dou comida! - Meus temores estavam retornando, e corri de volta para o convés.

Dei a Cross instruções explícitas sobre o que fazer numa variedade de situações que poderiam ocorrer. Se um barco de qualquer espécie aparecesse, ele deveria me puxar imediatamente para cima, mas não deveria puxar a linha com a cesta que me acompanharia lá embaixo. Sob nenhuma circunstância ele poderia soltar Nakhon, nem mesmo remover sua mordaca. Dadas as instruções, despedi-me de Cross e, depois de uma última olhada no horizonte ao meu redor, afundei sob a superfície encapelada do mar.

Embora o sol já estivesse brilhando, a água aqui era escura como vinho. Fui nadando, arrastando a cesta comigo, até perto da rocha dividida, que eu tinha gravado na memória no dia em que achei a moeda. Desci ao longo de uma raiz do monolito, segurando a cesta para que não batesse na rocha áspera e fraturada. À medida que eu ia descendo, a água ficava grossa de lama, mas quando me aproximei do fundo saí da faixa de sedimento que flutuava como um teto acima do anfiteatro submarino. Agora eu finalmente via os grandes arcos, subindo retorcidos para a superfície. Na luz difusa àquela profundidade, a pátina verde que minha memória gravara ainda brilhava sobre as estruturas curvas. Vi uma seção de estrada, a superfície tão lisa quanto nos dias dos Cesares (embora eu sentisse, e ainda sinto, que as ruínas eram muito mais velhas até do que Roma). Por toda parte ainda havia fragmentos de paredes, semi-ocultos por deslizamentos de areia; lascas de pedra trabalhada jaziam ao re-

dor, parecendo flutuar sobre a superfície semi-sólida da lama como plantas. Não vi tesouro algum. A lama sugava meus pés enquanto eu andava pela planície, varrendo o fundo com a mão, procurando o brilho de metal ou joias. Levantei a cabeça, vi o fundo do barco. Parecia a uma grande distância, e eu quase não conseguia vê-lo, balançando na superfície irregular do oceano.

Ao me mover lentamente pela arena em ruínas, cheguei à borda de uma pequena depressão no terreno marítimo, próximo da beira de um abismo. Ali eu parei, sem nem pensar por que, e caí de joelhos. Minha cabeça se encheu de dúvidas, e comeci a me sentir leve. Tive medo de perder a consciência e ser incapaz de me comunicar com Cross. Ajoelhado ali perdi todas as esperanças de encontrar um tesouro, e fiquei convencido de que minha aventura havia sido idiota desde o início. Eu estava exausto, embora tivesse ficado debaixo d'água por apenas alguns minutos, e queria só voltar ao meu navio e à civilização.

Eu havia trazido minha moeda preciosa no mergulho, na esperança de que ela me levasse ao resto do tesouro. Tirei-a de um bolso externo do traje. Precisava vê-la, para recuperar minha confiança e continuar a busca. Tinha ido longe demais para entregar-me ao desespero tão facilmente.

Ao trazer a moeda à altura da máscara, a areia próxima a depressão começou a deslizar e a água ao meu redor começou a se agitar, como se uma forte corrente tivesse me apanhado.

Uma forma grotesca surgiu do fundo de um buraco na areia. Assumiu o formato de uma enorme cabeça, o rosto tão cinzento quanto a lama do fundo, e tinha forma vagamente humana, mas muito maior, quase um metro do queixo à cabeça; suas feições eram semelhantes às de um cavalo. A coisa tinha olhos grandes e líquidos, sem pupilas discerníveis. Eram negros e profundos, sem estrutura visível. O corpo da criatura permaneceu enterrado sob os escombros, mas vários membros, que pareciam grandes cogumelos, ergueram-se de pontos perto da cabeça, que se apoiava sobre um pescoço grosso e ondulante. Ao recuar aos tropeços, incapaz de compreender a realidade do que via, o olhar líquido do rosto me acompanhou, e o queixo barbudo aproximou-se. Por um momento tive a absurda impressão de que a criatura iria cuspir. A água ao meu redor encheu-se com lama como se os braços (se é que eram isso) agitaram o sedimento. Não me lembro de todos os meus atos, mas creio que tentei recuar, puxando freneticamente meu cabo para que Cross me puxasse. O rosto estava apenas a centímetros de distância, e os lábios e a barba se moviam, como se tentasse falar. O rosto parecia calmo, quase amigável; mas me perseguia.

Por fim o pânico me invadiu, o cabo esticou-se e fui puxado para cima. O rosto voltou-se para cima, para me acompanhar. À medida que se aproximava, eu gritava no meu capote, e em minha loucura joguei minha adorada moeda para a criatura. Juro que a vi apanhar a moeda na boca e ficar girando-a nos

lábios, como um mágico de circo.

Quando voltei a mim estava deitado no convés do barco. Cross havia me puxado a bordo, e retirara o traje de mergulho e me enrolara num cobertor pesado de lã. Ainda era de manhã cedo, e o sol boiava sobre as montanhas da Albânia como um ovo grande e cruel. Quase uma hora se passou antes que eu pudesse ficar de pé; Cross me dava chá quente, e foram as ordens da minha bexiga que finalmente me convenceram a levantar. Minha cabeça começou a funcionar novamente, e ordenei a Cross que levantasse âncora imediatamente, pois os acontecimentos chocantes da manhã não alteraram o fato de que estávamos em constante perigo de descoberta. Cortei a linha da cesta, em parte como oferenda para a criatura, e em parte porque tive medo de que ela nos seguisse até a superfície.

A viagem de volta à Itália transcorreu sem nenhum evento, felizmente. Eu ficava sentado no convés a maior parte do dia, recuperando-me de minha experiência, e ponderando a falha de minha longa ambição. Sempre verei em meus sonhos o rosto daquela criatura que vive na baía abaixo da rocha, nas margens antigas e malditas da Albânia.

Abandonei Nakhon em nosso primeiro porto, e até lhe dei alguns pennies pelo trabalho, e acho que não lamentava partir; mas Cross ainda navega comigo, e mostrou ser um parceiro de confiança, embora ainda seja burro feito uma lula, coitado.

PRÊMIO NOVA 1992

AÍ ESTÃO OS VENCEDORES do mais tradicional e abrangente prêmio da ficção científica brasileira em sua sexta edição consecutiva. No próximo MEGALON publicaremos os resultados completos com análises e comentários sobre o desempenho do gênero em 1992 à luz do NOVA. Não perca.

GERAL

- | | |
|---|---|
| = Melhor Livro de Autor Nacional
* <u>CRISTOFERUS</u> , Henrique Flory | = Melhor Livro de Autor Estrangeiro
* <u>O PARQUE DOS DINOSSAUROS</u> , Michael Crichton |
| = Melhor Ficção Curta Nacional
* "ATO CONTINUUM", Sylvio Gonçalves | = Melhor Ficção Curta Estrangeira
* "O CARTEIRO", David Brin |
| = Melhor Ilustrador
* ROBERTO SCHIMA | = Melhor História em Quadrinhos
* <u>SEX DRÓIDE</u> , Mozart Couto |

AMADOR

- | | |
|--|---|
| = Melhor Fanzine
* <u>MEGALON</u> , Marcello S. Branco e Renato Rosatti, editores | = Melhor Ficção Curta
* "UM DIA COM JÚLIA NA NECROSFERRA", João Manuel Barreiros |
| = Melhor Ilustrador
* ROBERTO SCHIMA | = Melhor História em Quadrinhos
* "PERRY RHODAN", Daniel Pereira dos Santos |

ESPECIAL

- = Melhor Trabalho de Não-Ficção Nacional - BRÁULIO TAVARES



Sociedade Brasileira
de Arte Fantástica

COMO ERA GOSTOSA A MINHA ALIENIGENA!

por GERSON LODI-RIBEIRO

EMBORA NÃO SEJA UM TEMA NOVO, o relacionamento sexo-afetivo entre humanos e alienígenas se constitui num dos filões mais férteis da FC atual, tanto em sua expressão literária quanto cinematográfica.

Muito já se escreveu e filmou desde 1952, ano em que Philip José Farmer publicou Os Amantes do Ano 3050 (The Lovers), trabalho que colocou um humano oriundo de uma sociedade teocrática e repressiva copulando prazerosamente com uma alienígena que parecia ser a mulher ideal. Hoje o tema já não é mais tabu, mas a novela de Farmer ainda é considerada por muitos como o grande marco da sex-SF. Esse velho e prolífero sátiro já não está sozinho no subgênero da FC Erótica. Segundo alguns puristas, entretanto, ele ainda reina como soberano incontestemente de uma espécie de "Reino Encantado da FC Pornô".

Cinema e literatura encararam a temática sob óticas diversas. E algumas dessas diferenças de tratamento são, no mínimo, curiosas.

Nos filmes, é invariavelmente o alienígena macho quem cobiça a fêmea humana. Talvez essa tenha sido uma tradição herdada da própria literatura; algo que já se podia antever nas capas dos antigos pulp magazines, onde frequentemente apareciam belas mocinhas seminuas se debatendo nos tentáculos de monstros hediondos (veja ilustração abaixo). Mas essas capas funcionavam mais no sentido de atrair leitores neófitos, não correspondendo em geral ao conteúdo impresso no interior das revistas.

É interessante se questionar o motivo de uma pretensa maior aceitação, por parte do grande público consumidor de filmes de FC, da idéia de machos alienígenas sequiosos por se relacionarem com mulheres humanas, em relação ao conceito oposto: humanos copulando com fêmeas alienígenas.

Talvez não se trate de mero chauvinismo do cinema de FC, desde as produções classe B da década de 1950 até hoje. O fenômeno está mais para a transposição direta de um paralelo presente na história, para as tramas que pretendem retratar um futuro mais ou menos remoto. Sim, porque os "cérebros" de Hollywood, em sua grande maioria, ainda parecem encarar o alienígena como uma criatura brutal, munida de tecnologia superior e até um certo senso de honra, mas inteiramente desprovida de valores éticos que caracterizariam suposta e exclusivamente a própria essência humana. Um extraterrestre que desempenharia um papel essencialmente semelhante àquele do conquistador europeu no Novo Mundo. Bem, todos sabem que era normalmente o homem branco quem aliciava as ameríndias... Aquela história de peles-vermelhas raptando mulheres caras-pálidas também foi invetada em Hollywood ou, na pior das hipóteses, caso tenha existido na realidade (existem pouquíssimos casos documentados), não passou de uma prática cultural a prendida, assim como o escalpo ou a domesticação de cavalos, com o próprio homem branco.

Já na FC em sua forma literária, onde há liberdade para o desenvolvimen



to de um maior número de subtemáticas, o clichê cinematográfico (Male) Alien Meets (Human) Girl não é nem de longe o tipo de enredo dominante.

Nas duas formas de expressão, existem os relacionamentos reais e os virtuais. Estes últimos não passam da fase platônica, onde o desenlace óbvio é negado ao leitor/espectador por motivos pretensamente estilísticos; em realidade, pudores autorais ou, mais frequentemente, editoriais, de um ou outro tipo.

Em termos de sexo interespecífico, há as relações com alienígenas propriamente ditos e aquelas consumadas com indivíduos pertencentes a espécies racionais terrígenas hipotéticas.

Humanos Vs. Alienígenas

O cinema tem mostrado habitualmente menos pudor que a literatura no que diz respeito à relação sexo-afetiva entre humanos e alienígenas. Afinal, não há praticamente caso de relacionamento virtual ou platônico. Em contrapartida, os filmes parecem bem mais chauvinistas que a palavra impressa: além da predileção já mencionada de se colocar machos alienígenas se relacionando com fêmeas humanas não raramente ávidas, na tela, o argumento parece quase sempre pouco convincente e em geral coalhado de preconceitos sexistas. Atualmente, existe ainda uma forte tendência para preferir esse argumento em favor de efeitos especiais maravilhosos.

Mas esse chauvinismo não é coisa recente. No filme B I Married a Monster from Outer Space (1958), uma noivinha norte-americana típica da década de 50 (ou seja virgem) descobre que, pouco antes do casamento, seu futuro marido fora substituído por um alienígena. Esse pretende fecundá-la à força, sob o pretexto da necessidade de repopular seu mundo com a prole oriunda daquela e de outras uniões do gênero. Um exemplo clássico da Falácia do Cruzamento Interespecífico, tese que advoga a possibilidade da geração de uma prole advinda da cópula entre indivíduos de espécies tão diferentes quanto, por exemplo, ornitorrincos e begônias.

Em realidade, mesmo com o auxílio de técnicas de engenharia genética muito mais sofisticadas do que as atualmente sonhadas possíveis num futuro remoto, a geração de uma prole híbrida do cruzamento entre humanos e alienígenas parece um pouquinho mais difícil de se obter do que a simples presença do Sr. Spock no passado da Enterprise faz supor.

No filme O Homem que Caiu na Terra (1976), o protagonista é um alien bigamo: deixou fêmea e prole em seu mundo desértico, para cometer adutério na Terra com uma jovem humana. Entretanto, o personagem vivido pelo eclético David Bowie estava completamente isento de interesse procriativo. Aparentemente, just for fun. Já na série televisiva

V - A Batalha Final (1983), em mais um péssimo exemplo da falácia citada, um alienígena reptiliano fecunda uma humana e desse ato nascem duas crianças híbridas. E olhem que esta nem foi a pior falha do enredo... A solução ideal para o dilema da F.C.I. foi apresentada pela primeira vez no cinema por Starman (1984): uma criatura alienígena energética engravida uma humana, após incorporar o clone que criara do falecido marido da mesma.

Na literatura encontramos tanto exemplos de platonismo extremo quanto de sexo explícito, com paradas em todas as estações interdiárias. Em seu conto Kyrie, Poul Anderson coloca o amor platônico entre uma telepata humana e um alienígena, cuja composição química (plasma complexo ionizado e miríades de partículas subatômicas) fazia com que brilhasse de forma intensa no vácuo interestelar. A humana muito perspicazmente batizara seu amado como Lucifer. Não há final feliz para estranho casal: ele morre, mas, de um certo modo, permanece com ela para sempre.

Na noveleta Open to Me, My Sister (1960), ao apresnetar uma das formas de reprodução mais sofisticadas da FC, Farmer consegue manter uma alta carga de erotismo ao colocar juntos um humano e um alienígena humanóide monossexual, cujos caracteres morfológicos externos eram consideravelmente femininos. E o mais incrível, em termos de Farmer, é que o affair não sai do estágio platônico.

Também permaneceu apenas na vontade a relação física entre um humano e um humanóide bissexual em sua fase feminina, em A Mão Esquerda da Escuridão (1969), de Ursula K. Le Guin. Uma situação ainda mais indefinida foi a relativa ao namoro de um jovem oficial humano com a atraente filha de um diplomata tymbriini, apresentada por David Brin em A Guerra da Elevação (1987). O leitor lê o romance, para e pergunta: "A transa rolou ou não?". Bem, depende do que se entenda por relacionamento sexual. Ao longo do texto torna-se claro que não houve intercurso - ela se dizia fisicamente incapaz de satisfazê-lo neste pormenor - mas, fazer amor é mais que isso, e Brin dá a entender que havia um vínculo sexo-afetivo entre os dois.

Na zoologia do mundo real, a cópula entre mamíferos de espécies diferentes ocorre apenas em situações específicas, como quando dois animais de espécies diferentes são mantidos por um longo tempo juntos em cativeiro. É o que ocorre geralmente nos zoológicos de alguns países, onde nascem, por exemplo, tigres, híbridos oriundos do cruzamento entre tigres e leões.

Há algum tempo, os autores de FC começaram a arbitrar esse padrão de comportamento também para as criaturas racionais apresentadas em seus textos. Não existe mais o escrúpulo de se abordar a cópula humano-alienígena em termos explícitos. Entretanto, na maioria das vezes, o intercurso só se torna possível por estarem, humano(a) e alienígena, juntos e isolados dos demais indivíduos de suas espécies.

Esta atenuante, contudo, nem sempre pode ser alegada. Há enredos em que o alienígena mimetiza um ser humano e copula com o (a) ingênuo(a) que se "deixa" iludir, bem ao estilo do "me engana que eu gosto!". É o que Silverberg mostrou na noveleta "O Pintor Anímico e a Alteradora de Forma", publicado em As Crônicas de Majipoor (1982), onde um humano é ludibriado por uma metamorfa; uma fêmea da espécie racional autóctone de Majipoor, cujos membros possuíam a habilidade de assumir a forma exterior do ser humano. Ambos se apaixonam e passam a morar juntos. A felicidade perdura até que o humano é forçado a encarar momentaneamente a aparência real de sua amada. Depois disso, as coisas jamais voltaram a ser as mesmas e eles terminaram se separando.

Em outras ocasiões, no entanto, humanos e alienígenas jogam limpo, para prazer mútuo. Foi o que ocorreu quando o pukitano Larry Niven começou a utilizar sexo interespecífico em suas histórias. No romance Ringworld Engineers (1980), por exemplo, o autor chega ao requinte de criar um termo próprio - rishathra - para definir o relacionamento sexual entre indivíduo de espécies mutuamente alienígenas.

Mas se Silverberg e Niven em muito contribuíram para enriquecer a Sex-SF, Farmer foi o grande precursor do sexo interespecífico explícito, com a novela Os Amantes do Ano 3050 (The Lovers) em 1952. Trata-se da história de amor entre um humano, proveniente de uma sociedade repressiva governada por uma teocracia brutal, e uma lalitha, isto é, uma alienígena insetoide bípede e imortal, que mimetizava com perfeição considerável a morfologia externa de uma humana muito bela. O problema associado à F.C.I. é solucionado de modo tão engenhoso que, se contado aqui, perde a graça. Basta dizer que as larvas nascidas da união eram literalmente a "carinha do papai", embora não contivesse uma única molécula de material genético humano. Simplesmente genial!

Na noveleta Mother (1953), Farmer volta a abordar o tema do relacionamento sexual (?) humano-alienígena. Apesar de não haver intercuro, a relação é ainda mais estranha do que tudo que se escrevera em FC anteriormente: um humano é mantido prisioneiro no interior de uma criatura racional pertencente a uma espécie cujas formas adultas se assemelhavam a úteros gigantes. Curiosamente, a situação não o desagrada, muito pelo contrário. Complexo de Édipo num grau inimigável? Pode ser. Mas o fato é que, rompendo a membrana de uma organela interna de sua hospedeira, o humano mistura os materiais genéticos ali contidos, induzindo a fecundação dos gametas da criatura.

Fritz Leiber em A História é Outra (The Big Time, 1961) apresenta uma humana sexualmente envolvida com um lunar, um ser racional multitentacular de dois metros e trinta centímetros de altura e 25 Kg de massa que teria habitado Luna há cerca de um bilhão de anos. A jovem não parecia ter queixas.

Segundo ela, o alienígena era extremamente suave e habilidoso com os tentáculos.

O editor da Asimov's Science Fiction,* propôs em Strangers (1974) um enredo superficialmente semelhante ao The Lovers de Farmer. A coincidência, contudo, limita-se ao destino de ambas as fêmeas alienígenas, em virtude da ignorância de seus amantes humanos. Estes permanecem inconsoláveis ao final das duas tramas. Uma terceira variação dentro desse tema foi a novela The Color of Neanderthal Eyes (1990) de James Tiptree, Jr. A autora (realmente, uma mulher) relata com maestria o romance entre um telepata humano e uma fêmea alienígena de uma espécie anfíbia que evoluiu a partir dos peixes ósseos. Infelizmente, Tiptree também incide na F.C.I. e aqui não há solução brilhante. Quanto aos neandertais do título, mero engodo: não dão as caras durante toda a história.

Silverberg apresentou outro relacionamento interespecífico n'As Crônicas de Majipoor. Em "Thesme e o Ghayrog" uma jovem humana, meio chegada à contracultura, divide sua cabana e sua vida com um ghayrog (bípede racional) homeotérmico, mas reptiliforme e ovíparo). Como o leitor pode muito bem prever, ambos terminam se tornando amantes. Para sua surpresa, ela descobre que a cópula com o alienígena é mais satisfatória e gratificante do que com a maioria de seus amantes humanos anteriores.

O sexo interespecífico é algo muito estimulante, em teoria. Mas, e na prática? Será que haveria atração sexual, baseada em atributos meramente físicos, entre criaturas tão distintas quanto humanos e alienígenas? Muito provavelmente, não. Sob este aspecto, é bastante instrutiva a resposta irônica do ghayrog a uma questão desse tipo imposta por Thesme: Você é humana. Como é que eu posso sentir desejo por um ser humano? Você é tão diferente de mim, Thesme. A jovem, entretanto, tirava muito prazer da relação.

Humanos Vs. Terrígenos Extra-Humanos

Em muitos enredos, o relacionamento sexual interespecífico não é o tipo humano-alienígena. Isto já costumava ocorrer desde os tempos idos de O Monstro da Lagoa Negra (1954), onde um anfíbio humanoide de aspecto vagamente reptiliano nutria forte atração por uma bela humana em trajes de banho. Apesar dos esforços pungentes da ousada criatura em seduzir sua amada, o relacionamento não saiu do estágio platônico. Mesmo assim, a cena da jovem de maiô, nadando na lagoa com a criatura vogando submersa abaixo dela é antológica.

Platônico também foi o amor do golfinho pela cientista humana no conto despretensioso Ismael Apaixonado (1970) de Silverberg. Não obstante a aparência repugnante da fêmea humana (bastante atraente, diga-se de passagem, pelos padrões de sua própria espécie), perdido de amor, o cetáceo consegue até mesmo sentir-se fisicamente atraído pelo objeto de sua paixão, e acaba "passando dos limites". Para seu desespero, não é correspondido: a humana desejava que fossem "apenas bons amigos".

Sem restrições dessa ordem, Harry Harrison colocou um humano mesolítico copulando com a líder de uma espécie de dinossauros racionais, as Yilanè, em A Oeste do Éden (1984). Nessas criaturas, somente as fêmeas são plenamente racionais e são os machos que ficam "grávidos". Como as demais Yilanè adultas, essa líder estava acostumada a utilizar os machos de sua espécie como simples objetos de prazer. Assim, não tem o mínimo escrúpulo em usar e abusar daquela estranha forma de mamífero racional. Para ela, é zoofilia. Mas também é deleite: ao contrário dos Yilanè machos, criaturas de sangue frio, o amante humano - como todo bom homeotérmico que se preza - estava sempre "quentinho". Mais tarde, este humano se torna uma peça fundamental na resistência contra as Yilanè. Embora passe a nutrir um ódio mortal pelas dinossauras racionais, seu padrão de beleza física ainda se mostra associado à estética da espécie sua antiga amante.

Entre anfíbios humanóides, dinossauras racionais e golfinhos que se mostram propensos a praticar sexo interespecífico conosco, existe um elemento em comum: não são primatas. E, coincidentemente, são atualmente dos primatas, mais particularmente, dos homínídeos, as melhores cotações do mercado de sexo interespecífico.

Farmer abriu caminho na arrancada atual: na saga do Mundo d'O Rio, as proporções anatômicas de Joe Miller - um espécime Titanthropus clemensi (aparentemente um megantropo) aculturado por humanos - são bastante apreciadas por diversas fêmeas da espécie Homo sapiens sapiens, embora o possuidor das mesmas prime essencialmente pela força física e não pela capacidade intelectual.

Em Fome de Viver (1981), Whitley Strieber propôs a existência de uma espécie de primatas imortais, que se alimentariam do sangue e da força vital dos humanos, mimetizando-se à semelhança de suas vítimas para melhor usufruí-las. A trama gira em torno daquela que seria a última sobrevivente dessa espécie e de suas relações amorosas e predatórias com os humanos de ambos os sexos, ao longo da

história. Através da transfusão de algumas gotas de seu sangue, conseguia infectar os humanos que criteriosamente escolhia para amantes, conferindo-lhes a longevidade de alguns séculos, em troca da adoção de seus hábitos alimentares. A história está impregnada por um clima de erotismo crescente, que se intensifica ainda mais à medida que a criatura vai exercendo seu magnetismo sexual semi-hipnótico sobre sua futura parceira humana.

O último primata a participar de um relacionamento sexual interespecífico com seus primos humanos no âmbito da FC foi, segundo as fofocas que circulam pelo fandom, o Homo habilis. Criado por Michael Bishop em Ancient of Days (1985), o espécime em questão, uma vez no presente, revelou-se muito mais inteligente do que supunha a nossa vã antropologia. Rapidamente aprende a falar inglês, a utilizar artefatos típicos da civilização moderna e a conviver entre os humanos de igual para igual. A artista que o auxilia ao longo de seu processo de aprendizagem termina se apaixonando por ele. Curiosamente, o romance é narrado do ponto de vista do ex-marido da artista, que desde logo se revela ainda apaixonado pela mesma.

Percebe-se claramente então que o relacionamento sexo-afetivo interespecífico é uma temática que atrai o leitor de FC e, quando bem gerenciada, constitui-se via-de-regra em sucesso editorial.

O motivo desse interesse e, em última análise, da boa aceitação do tema de relacionamento sexual interespecífico, reside talvez no fato de existir, no âmago de uma relação pessoal íntima, motivações psicológicas profundas muitas vezes intensas o suficiente para permitir (taras e manias à parte), a superação dos obstáculos representados por diferenças morfológicas (inicialmente repulsivas e incompatibilidades anatômicas. Isto, para não mencionar o amor espiritual, tópico vasto o bastante para preencher vários compêndios de referência em ficção científica.



Estréia nas páginas do MEGALON, o autor franco-brasileiro Daniel Fresnot. Estudioso da literatura brasileira - autor de O Pensamento Político de Érico Veríssimo -, tem também suas incursões na ficção científica, com o romance A Terceira Expedição e as coletâneas O Cerco de Nova York e Sete Histórias da História. O conto-curto a seguir é uma pequena mostra do talento de Fresnot, que voltara em breve com sua aguda e lírica ficção nas páginas do MEGALON.

A VIDA E A VIDA DE DINO FONTANA

por DANIEL FRESNOT

- DINO FONTANA É UM bem-aventurado. Te dotamos de uma alma e você a manteve no essencial reta e pura. Você não matou aos homens e pouco aos animais. Você não estuprou nem cometeu violência. Não roubastes e fostes generoso com os menos felizes. Mentistes pouco. Terás agora a eterna felicidade de estar perto da luz de Deus.

- Dino Fontana viver é muito perigoso. Te dotamos de liberdade e você soube escolher no essencial o bem. Graças a esta escolha escapas agora da condição humana. Escapas do inferno e do sofrimento. E evitas o retorno à vida terrestre. Seja bem vindo.

- Quem são vocês?

- Somos os anjos de Deus, teus juizes, teus irmãos.

- E o meu filho?

- Teu filho Felipe será julgado em sua hora. Seu olhar é escuro, ele não merece a tua sorte.

- O que acontecerá a Felipe?

- Se ele fosse julgado hoje seria condenado.

- Tenho de rezar a Deus.

Dino se ajoelha e reza.

"Senhor Deus, deixe-me voltar ajudar o meu filho.

Se tenho algum mérito deixe-me salvá-lo. Obrigado Senhor."

- Dino Fontana viver é muito perigoso. Arriscas toda a tua sorte sem a certeza de salvar o teu filho. Se voltas à vida não terás mais consciência disto. Vais jogar com a tua salvação?

- Tentarei salvar o meu filho. Tentarei.

- Assim seja. Você não mudou, é mesmo um homem.

APÓIE OS FANZINES !!!

AS PUBLICAÇÕES DE FÃS DE FICÇÃO CIENTÍFICA, FANTASIA E HORROR NO BRASIL SÃO A BASE DE INTEGRAÇÃO, PLURALIDADE, PRODUÇÃO E DEBATE DESTES GÊNEROS NO BRASIL. O NÚMERO DE ASSINANTES E COLABORADORES TEM CAÍDO VERTICALMENTE, COLOCANDO OS FANZINES EM PERIGOSA SITUAÇÃO. VOCÊ VERDADEIRO FÃ, AJUDE OS ZINES A CONTINUAR VIBIALIZANDO O DESENVOLVIMENTO DOS GÊNEROS NO BRASIL.

OS FANZINES ESTÃO AÍ:

ANTARES - DIÁRIO DE BORDO - INFORMATIVO PERRY RHODAN - ... E NO PRÓXIMO EPISÓDIO... - GALILEO - HIPERESPAÇO - JETCOM - JUVENATRIX - MEGALON - NOTÍCIAS DO FIM DO NADA - PAPÊRA UIRANDÊ - SOMNIUM - STARFLEET - TREKKER REPORT - WARP 9.

DEPENDE DE VOCÊ, DE MIM, DE TODOS NÓS MANTÊ-LOS.

ASSINE, COLABORE, CRITIQUE, DIVULGUE!

SÓ NÃO LEIA ESTE APELO E FINJA QUE NÃO TEM NADA COM ISSO.

SOMOS TODOS PARTE DE UMA COMUNIDADE E, COMO TAIS, RESPONSÁVEIS PELO SEU DESENVOLVIMENTO OU DECADÊNCIA.

Contista, ilustrador, editor, quadrinista, Luiz Zatar é um dos mais ativos fãs na área de fantasia e horror no Brasil. Depois de seu ótimo artigo "Perdidos no Espaço" publicado no número 23, ele volta às nossas páginas numa história onde magia, infância e nostalgia se entrecruzam.

NUVEM

por LUIZ ZATAR

COSTUMÁVAMOS VISITAR VOVÓ todos os anos no Paraná, no dia do seu aniversário. Mas, naquele ano, há poucos quilômetros de chegarmos ao desvio para a sua cidade o carro de papai quebrou.

- Oh, droga, César! O que vamos fazer aqui agora? - queixou-se mamãe já cansada e nervosa. - Estamos perdidos aqui nesta estrada, o carro cheio de tralhas. Deve ter sido o peso! para que trazer um aquário de 50 quilos, trazer os dois gatos de Gipsy, material para camping? Pelo amor de deus, só vamos passar alguns dias na casa de sua mãe. Já basta este sacrifício! - resmungou inconformada, pensando que talvez fosse melhor dar aquela aventura por encerrada e arrumar um meio de voltar para casa. Talvez seguir caminhando até a parada de ônibus mais próxima ou pedir socorro para alguém na estrada. Mas estava certa de que nada disso iria adiantar. - É isto o que você chama de férias?

- Se anoitecer, o que será da gente? - continuou mamãe diante do silêncio do marido. - Tudo por causa de um aniversário. Parece um ritual termos que nos jogar na estrada exatamente nessa época todos os anos! Parece que estava adivinhando. Cheguei até a falar para ela no telefone que seria diferente ela nos visitar ao invés de sairmos com toda essa mudança.

Como mamãe não parava de tagarelar desci do carro. O horizonte parecia infinito e as nuvens curvavam-se sobre as montanhas douradas. Havíamos parado numa colina e pouco abaixo estava um barranco coberto por pés de alfazema. Tinha um cheiro doce no ar, um perfume qualquer, enebriante. Quando vi que uma das moitas se mexia, descobri que haviam coelhos branquinhos. Saí tentando agarrá-los mas dois deles se enfiaram embaixo do carro, foi quando mamãe me agarrou pelo braço.

- Aonde pensa que vai, mocinha?

- Deixe Gipsy em paz! - disse papai agachado próximo ao carro, com sua caixa de ferramentas procurando reparar o defeito no carburador.

Me vi então a descer o barranco, correndo através de todos aqueles pés de alfazema, árvores e vi que pouco a pouco ia me afastando bastante do carro. Um pequeno rio, mais parecendo um filete de água cristalina corria logo abaixo, perto de flores vermelhas. Foi ali que consegui segurar um daqueles bichinhos. Era gordo e branco, a pele macia feito nuvem. Enrosquei-o em me-

us braços. Aquela era minha nuvem particular e o chamaria assim, de nuvem, disse para mim mesma, olhando novamente para o carro que parecia de brinquedo, do ponto em que me encontrava.

Eu tinha pouco mais de 11 anos quando papai tirou minha foto no meio da estrada junto à Nuvem, o calhambeque enguiçado logo atrás, na rodovia, e, por um vidro se via o rosto rabugento de mamãe. Os dois gatos não apareciam na foto. eles dormiam em suas caixinhas de areia. Também não se via o aquário de 50 quilos ou o material de acampar de papai. Coisas são feitas para ficar na memória mas elas insistem em não ficar, não?

Não me lembro bem como conseguimos sair daquela estrada, nem quem nos ajudou. Talvez um carro que iria para o mesmo lugar tenha parado e ajudado papai, sei lá. Sei que era noite e havia névoa que quase cobria as estrelas, ofuscando o seu brilho por entre uma densa mata, na estradinha do contorno, onde vovó morava.

- Chegamos! - me lembro bem desta palavra dita por papai em tom de alívio. - Chegamos. O súbito bater da porta do carro evidenciando que havíamos encontrado nosso destino. Não estaríamos mais perdidos no escuro. Os ganidos dos cães vizinhos eram ouvidos e a portinha de vidro da casa de vovó parecia brilhar iluminada num tom alaranjado, num formato que para mim parecia uma teia de aranhazinha. A porta foi aberta. Ainda posso ouvir seus passos. Ver o rosto de preocupação de mamãe, pequenas coisas ecoam na memória e que não cabem numa foto.

Abracei vovó e pude sentir seu cheiro de tardinhas, de talco, lavanda e algo que resscendia à maçãs me fazendo lembrar de suas compotas que guardava no porão e da massa fresquinha de Strúdel na mesa tosca de madeira da enorme cozinha.

Aquela grande cozinha com seu fogo de chamas azuis e violáceas, jamais esquecerei. Mostrei para vovó o coelhinho chamado Nuvem. Encontramos uma caixa de biscoitos Mirabel onde ele foi dormir e sonhar com a bruxa de João e Maria. A caixa trazia desenhos numa alusão a vários personagens de contos-de-fadas.

Horácio e Perácio, os dois gatos andavam de um lado para o outro em suas caixas de areia fazendo o reconhecimento do lugar estranho em que se encontravam.

Papai ficou até tarde acordado, comendo torta de maçã e contando histórias para sua mãe e uma das tias velhas da família que es-

tava de passagem.

Posso vê-los ainda lá, rindo, na claridade obscura da cozinha e é difícil pensar naquele lugar sem sentir uma pontada de saudade.

Havia uma melodia insólita, vinda da floresta, por entre os pinheiros altos que jamais pude identificar o que pudesse ser ou quem estivesse a fazer tais sons.

Não fui a única a ouvir tal melodia. Quando acordei aquela noite, Nuvem estava parado na porta do quarto, como se estivesse me esperando. Procurou correr e subir na cama mas não conseguiu. Então me levantei e nem notei o frio que estava fazendo quando me desviei das vozes na cozinha e abri a porta da sala. Uma rajada de vento tomou meus cabelos e Nuvem estremeceu, assustado, se encolhendo. Você ouve o que também estou escutando? Indaguei num sussurro afagando o pelo de Nuvem. Vamos ver o que é! Você não terá medo, não?

Saí de mansinho pela varanda, passado o caramancão, senti que começava a querer chover. Corri para a floresta, vendo ao longe as janelas iluminadas da casa de vovó. As árvores nunca pareceram tão altas e seus troncos retorcidos tão assustadores. Comecei a assobiar baixinho aquele versinho que vovó cantava para mim:

A casa ao lado da minha/tem o cheiro do passado/e, à noite, por entre a névoa algo escuro e sombrio/há uma luz que não se apaga./A Casa ao lado da minha tem varandas que parecem ruas/e estátuas, fontes de pedra, com seus anjos sujos de limo/Há uma pergunta que eles sempre se fazem/O que é o tempo? Eles sussurram/O tempo é nada, é nada...

Conforme íamos caminhando o vento parecia aumentar e a chuva resolveu cair. Vamos voltar, Nuvem, vamos voltar! Disse para o coelho, mas este pulou das minhas mãos, deu-me um olhar e sumiu. Tentei ir atrás mas Nuvem não parecia estar em parte alguma. Foi quando encontrei um menino. Ele me fez um sinal.

- Ei, o que faz aí, garota? - indagou.

- Estou na casa de minha avó, - disse apressada - e você, quem é, o que faz por aqui? Também está ouvindo essa música?

- Música, que música? - ele retorquiu olhando para o alto das árvores. - Não importa saber quem eu sou. Moro por aqui. Moro com meu avô. Meu pai morreu nesta floresta, e você, menina, não sabe que pode se perder andando sozinha por este lugar?

- O que você tem com o que eu faça? Saí por causa de um som estranho. Estava escutando-o há pouco.

- Sei. - exclamou o rapaz. - Vai ver é o flautista de Hamelin andando por sobre as árvores. Meu nome é Ronaldo, e o seu?

- Por que deveria lhe dizer o meu nome?

- Você não é daqui!

- Claro que não. Só estou aqui por causa do aniversário de minha avó. Me chamo Gipsy.

- Por que está aqui debaixo da chuva, Gipsy? - indagou Ronaldo num sorriso tocando de leve no meu rosto. - Está ouvindo essa água correndo? - perguntou voltando-se para as ár-

vores. - Há um rio aqui por perto e um moinho onde podemos nos abrigar dessa tempestade.

- Disse me puxando pelas mãos.

Corremos me direção a uma cabana abandonada. Fiquei sentada por sobre pilhas de madeira velha.

- Aqui está realmente frio! - ele disse me olhando fixo nos olhos. - Gostaria de vê-la outra vezes...

- Antes de você aparecer eu estava tentando procurar um coelho. Ele escapuliu de mim e deve ter se perdido por aí, Naldo. Encontre para mim, por favor!

- Ah! - ele fez uma careta.

- Prometa que fará isto por mim!

- Esta é a condição para voltar a vê-la?

- Não há condição alguma, apenas você conhece esta floresta melhor do que eu. Se puder, passe lá em casa amanhã.

- Para conversar e tudo mais? - redargui caminhando até a porta da cabana. - A chuva está passando. - murmurou acanhado. - Talvez nunca mais nos vejamos - ele disse me segurando antes que eu saísse pela porta. - Posso ir mesmo na sua casa? Jura?

Não disse nada, e saí do moinho sem olhar para trás, tinha que atravessar todo aquele caminho no escuro.

Deixei Ronaldo para trás, sozinho. Cheguei em casachorando, mas não diria uma palavra. Engoli o choro e subi para meu quarto. Escondi o rosto no travesseiro e, quando o dia raiou, Nuvem estava lá, bem na porta do quarto onde costumava ficar.

"Onde esteve, Nuvem, por que foi me dar um susto daqueles? Por que fugiu de mim?" Perguntei tomando-o nos braços sem notar até então que o animal estava morto. Uma pequena trilha de terra denunciava que ele voltara se arrastando, mas era tarde demais.

Papai tinha tudo sobre o Egito, cultos exóticos, máscaras mortuárias, livros e pergaminhos que andara coletando quando ainda estudava. A arqueologia era mais do que um dos seus hobbies. Desci para o quarto onde minha avó deixara todo o seu material intacto. Havia muitas estantes, incluindo mapas, ideogramas em artefatos mágicos. Iria encontrar lá o que estava procurando. Deixei as janelas parcialmente abertas para o jardim. O ar que entrou levou um pouco o cheiro de poeira ali acumulado.

Quando Naldo chegou, levei-o em segredo para ver o coelho morto. Morrera em consequência da tempestade da noite passada, e o fato de ter sido eu quem abrira a porta da rua me fizera sentir culpada.

Ficamos naquele grande quarto que dava para o jardim. Deixamos o coelho cercado por velas que achamos no porão dentro de uma caixa.

- Vamos enterrá-lo - indagou o garoto.

- Não. Não será preciso. Nem é para isso que estamos aqui. - disse.

- Então o que vamos fazer, comê-lo?

Toquei na cabeça de Nuvem e proferi as palavras secretas que constavam do livro de

papai, extraídas do ritual da vida, usadas por uma civilização desaparecida.

HASHNA HASHNA DANDVA, murmurei.

- Ei, ficou biruta? O que pensa estar fazendo? - Naldo perguntou.

- Estou fazendo-o acordar.

Havia lido aquelas anotações várias vezes e segui à risca o que me diziam para fazer. Palavras que tinham força para ressuscitar.

HASHNA HASHNA NASHVHA.

Então, erguemos nossas mãos sobre as velas e dissemos tudo aquilo junto e eu pensei nas palavras de vovó: - O tempo é nada, é nada...

Quando juntamos nossas mãos uma lufada de vento escancarou todas as janelas e inundou de sol o quarto cheio de sombras, apagando as velas. Mas Nuvem, em seu caixote continuava imóvel.

- Fique com ele. - eu pedi.

Passado o aniversário de vovó, de volta na estrada o carro de papai voltou a pifar, no mesmo ponto acima daquela colina. Mamãe não se conteve e soltou um palavão.

- Maldito aquário, malditos gatos - ouvi - a praguejar. - Maldita viagem!

O sol estava a pino e não havia nenhuma nuvem no céu.

Desci do carro e fui em direção à margem da estrada e me sentei ali, naquele platô. Olha

va do alto da colina para todas as outras estradas que tínhamos de passar ainda. O vento fazia as alfazemas ondular em nos campos. Acompanhando a linha da estrada vi um garoto de bicicleta se aproximar de nós. Era Ronaldo e trazia algo em suas mãos. Ao se deparar comigo me beijou e disse: - Você não vai adivinhar o que aconteceu! E me entregou Nuvem, vivo, envolto num cobertor.

- Não nos veremos mais, não é? - ele murmurou com um olhar triste. - Volte algum dia, sentirei sua falta.

Abracei-o e procurei tentar não esquecer dele nunca mais, nem daquele momento, nem de suas palavras.

O carro havia voltado a funcionar misteriosamente. Subi no carro e continuei a olhar para aquele garoto a me acenar à medida que o carro ia avançando.

- O que foi? - perguntou mamãe. - Quem era? O que ele queria?

- Nada. - disse lacônica e olhei para Nuvem. Desde então comecei a acreditar que a vida pode ser mágica se quisermos e que toda a magia está em nossas mãos, no fato de acreditarmos que podemos fazer algo acontecer. Algo de maravilhoso.

Não, Ronaldo, jamais o esquecerei, murmurei olhando para a estrada. Não se preocupe, eu volto!

* * *

CINEMA, TV E HQ DE FC EM 92

por CÉSAR R.T. SILVA

Todos os anos faço uma avaliação no que saiu de FC no Brasil. Na área de literatura temos o Nova e o Tapiraj que premiam os melhores em várias categorias e são bastante discutidos no meio dos fãs. Mas pouco, ou nada, se fala de outras áreas da FC que tivemos no Brasil: Cinema, TV e HQ.

1992 foi, como nos últimos anos, fraco no cinema. Poucas produções e nada de novo. Mas, tivemos algumas coisas boas de assistir. Logo no início do ano fui surpeendido pela produção "à moda antiga" nos efeitos especiais de Estação 44, o Refúgio dos Exterminadores (Moon 44), uma space-opera militarista num universo inspirado nos futuros sombrios e anti-utópicos dominados por corporações, algo bem ao gosto de Pohl e Kornbluth, e que acaba sendo parente próximo de Alien e Outland. Espaçonaves mineradoras estão desaparecendo de planetas de mineração, depois de fulminantes ataques de piratas. A estação mineradora "44" é a última delas, e terá de ser defendida por um violento bando de pilotos recrutados em presídios, e navegadores jovens vindos da academia, estes não mais que crianças inexperientes, apesar de superdotados na função.

Star Trek VI, a esta altura já enfraque-

cido pelas sucessivas sequências, vem trazer o primeiro sinal de ligação entre a velha tripulação da Enterprise e a da série de TV, The Next Generation. Pela primeira vez os klingons ensaiam uma aproximação com a Federação. Até mesmo o klingons Worf comparece no episódio, que acaba sendo um bom momento da série. Excelente a sequência de combate no final do filme, e as citações de Peter Pan, tudo autografado no final pelos veteranos heróis.

Aliança Mortal é um filme curioso. Não é bem FC, mas não deixa de ser. A atração é a presença de Rutger Hauer, o replicante-líder de Blade Runner, como prisioneiro fugitivo de uma prisão-modelo. A aliança mortal do título é uma coleira, colocada no prisioneiro, regulada para ter uma coleira presa em outro prisioneiro desconhecido. Se ambos se afastarem um do outro a uma certa distância (que é o perímetro do presídio) ambas as coleiras explodem. Nem era preciso dizer - mesmo assim direi - que Hauer é inocente, e foi preso para que certo grupo se beneficie disso. Mas o plano inclui que ele fuja, e isso é consequência pois ele descobre seu parceiro, ou parceira. Afora isso, é um policial dos mais fracos.

Freejack foi a surpresa do ano. As presenças de astros como Emilio Esteves e Mick Jagger não chegou a entusiasmar o público, mas a história baseada no conto Immortality Inc. de Robert Sheckley já dá um importante embasamento no gênero da FC. Um piloto de corrida (Esteves) é transportado ao futuro no instante anterior a um acidente fatal para ser um "freejack": um novo corpo escolhido a dedo para um ricaço à beira da morte. Porém algo dá errado, Esteves recobra a consciência e foge. Mick Jagger é encarregado de sua captura, e a ação começa vertiginosa, até um clímax surpreendente. Não é difícil se comparar a história à Total Recall e Robocop. O universo ficcional é muito semelhante, e na minha opinião, foi o filme mais destacado do ano na FC.

Esperei muito de Soldado Universal e me decepcionei. Apesar de uma história curiosa, com cenas bem fotografadas e a presença dos super-astros Dolph Lundgren e Jean-Claude Van Damme, o filme é algo melhor que uma seção da tarde. Soldados mortos no Vietnã são revificados, desmemoriados e reprogramados como super-soldados, mantidos vivos e praticamente invulneráveis com maciças doses de hormônios e drogas. Mas dois deles, que foram inimigos de morte, acabam lembrando-se disso. Eles fogem ao controle e transformam o projeto "Uni-Sol" em uma bomba, literalmente. Chumbo grosso e muita porrada, no famoso estilo marcial de Van Damme.

Melhor papel fez Alien III, sequência de Alien e Aliens. Outra vez Ripley se vê sozinha; todos os seus companheiros morreram, inclusive Newt, a garotinha do filme anterior. Sua nave caiu num planeta-prisão, onde a regra é ser careca - problemas com piolhos. Ripley torna-se a única esperança daqueles homens esquecidos, quando um novo alien gerado no corpo de um cão passa a atacá-los. O final é definitivo para Ripley que, não se sabe como, também traz um "ovo" de alien dentro do peito.

Além destes, houve outros filmes muito fracos, como Roboman: O Vingador, O Dominador do Futuro e Passageiros do Futuro. Este último se colocando como a primeira experiência com realidade virtual no cinema, baseada numa história de Stephen King.

Histórias em Quadrinhos

O ano até que foi bom, apesar de muito salgado. A maioria das revistas estavam caras devido à sua natureza gráfica, e no final das contas, até as que deveriam ser mais baratas também ficaram inflacionadas.

Além da série Akira que já vem sendo publicada desde 1990, e mantém-se como a melhor série de FC também em 92, tivemos a série Star Trek, de vida breve, cancelada antes mesmo do final do ano, e Nathan Never, de igual destino.

Akira conta a história de jovens desajustados nas ruas de NeoTóquio, uma super megálpole reconstruída após a 3ª Guerra Mundial. Sempre envolvidos em disputas de gangs,



os jovens acabam por se meter num secretíssimo projeto militar de armas psíquicas, um pequeno grupo de paranormais eternamente infantilizados. Um deles é Akira, o mais poderoso, mantido congelado pelo exército. Mas um dos jovens começa a desenvolver também um poder psíquico muito forte, e isso desperdiça Akira, o que vem a destruir NeoTóquio e jogar a população na barbárie. Onde isso vai terminar é imprevisível. Saíram até agora, 26 edições, e a série toda tem 60.

Star Trek foi mais uma tentativa de explorar, na HQ, o que sempre deu certo na TV e no cinema. Baseada na série original da DC Comics americana, trazia histórias com os personagens da série clássica (Kirk e Cia.) e da Nova Geração (Picard e Cia.). Mas a magia não foi igualmente adaptada. Os gibis tinham ainda menos carisma que aquela primeira tentativa, publicada no Brasil pela EBAL nos anos 70, e as histórias eram muito fracas. O leitor brasileiro nada perdeu com o seu desaparecimento.

O mesmo já não digo de Nathan Never, série italiana de Sérgio Bonelli (Tex) vinda ao Brasil por graça e obra da Bienal de HQ do Rio de Janeiro, em 1991. Nathan é um policial futurista, no estilo Blade Runner, que pelas poucas pistas fornecidas chegou ao futuro através de uma viagem no tempo, sendo originário de nossa época. As histórias são ótimas, e os desenhos de uma excelente técnica em Preto & Branco. Em todas as histórias há citações a filmes de FC, livros, desenhos animados, o que torna a leitura um divertido exercício de memória e observação. HQ de FC para quem gosta de HQ de FC.

No campo das mini-séries tivemos Mundo sem Fim, Cartas Selvagens e O Último Americano. Apesar das ótimas apresentações em colorido e papel especial, nenhuma delas chegou a cativar. Ainda tivemos Max, a Garota

Psíquica, uma mini-série em Preto & Branco, vinda do Japão e, portanto, no conhecido estilo mangá. E só para registrar, as edições de Batman x Predador e Batman x Juiz Dredd, que se não são FC por excelência, trazem momentos especiais do justiceiro mascarado com personagens que são FC pura.

Nas Grafic Novels, tivemos bons momentos: O Sinal do Espaço, de Will Eisner, mais conhecido por seu personagem cult Spirit, enveredando por um caminho que conhece bem, a FC. Eisner sempre gostou do gênero e esse não é o seu primeiro trabalho. Conta, através de uma história muito realista, apesar de extremamente cáustica em seu humor, o que aconteceria ao mundo se realmente recebêssemos um sinal de uma civilização alienígena. Esqueçam, nada de discos voadores e alienígenas angelicais, como em Contatos Imediatos. A coisa está muito mais para Deu a Louca no Mundo.

E para coroar o ano, a publicação da famosa obra de Bilal, Exterminador 17. Publicada nos primórdios da Metal Hurlant, em preto e branco, foi fonte inspiradora de milhares de novos autores de HQ. A trama, um tanto envelhecida, ainda traz boas surpresas, e a edição brasileira, traduzida da americana, é colorida. Você pode até achar o estilo meio parecido com o de Moebius, mas isso é explicado pela origem comum dos trabalhos que seguem a escola francesa.

Na HQ nacional tivemos o lançamento de um álbum e quatro revistas, o que é uma façanha, visto o marasmo da HQ brasileira nos últimos anos. O álbum é o de Mozart Couto, Sexdroide. Esse trabalho, produzido para o mercado europeu via Bélgica, já havia tido uma prévia na revista Superficção da Ed. Press, em 1987, porém só suas primeiras páginas foram apresentadas, em preto e branco. Já o álbum traz a história completa, nas habituais 44 páginas, e em cores. Conta a aventura de um investigador alienígena envolvido numa trama cósmica de sucessão em um império andróide, onde o membro viril do sucessor fora roubado. Fico imaginando o que não seria dito desse argumento se tivesse sido publicado como um livro. Mas em HQ acaba sendo digerível facilmente.

As revistas Almanaque Astronauta e Pau Brasil são coletâneas de trabalhos variados, onde se destacam os argumentos de Sergio Peixoto (presidente da ORCADE) em HQs baseadas em alguns contos seus já conhecidos dos leitores do clubzine Somnium do CLFC, e a série "Piratinha" de Arthur Garcia. Também pudemos apreciar algumas boas HQs na revista Inter Quadrinhos que voltou em 1992, porém sem o mesmo brilho de sua primeira série, no início dos anos 80.

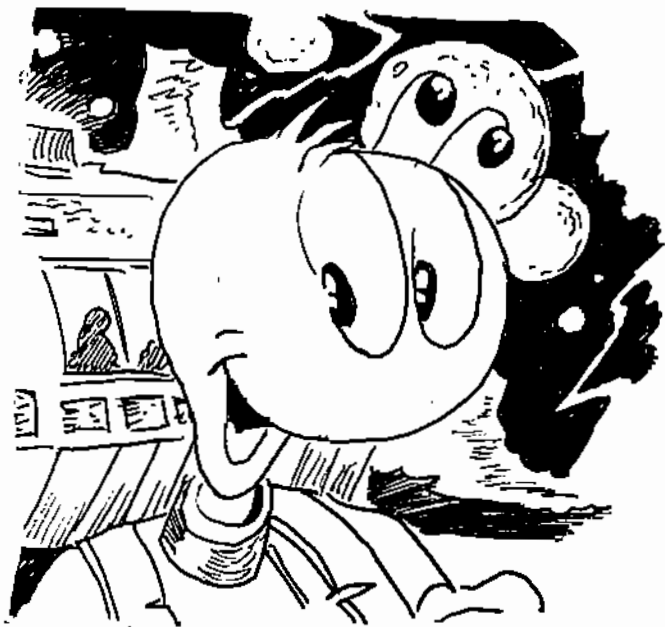
Paralelas de Watson Portela também teve sequência, com a reunião dos trabalhos que já haviam saído em várias publicações ao longo dos últimos 10 anos, como as séries "Vôo Livre" e "Paralelas", e histórias avulsas, como "Alienígena" (versão de Alien) e "Gabriel".

Televisão

Entre as séries dominicais de meia-hora, encontramos algumas que valiam a nossa curiosidade. Superforce seguia a linha super-heróis, com bons efeitos especiais e histórias interessantes. Família Dinossauros veio recuperar aquele conhecido estilo americano de criticar a classe média dos EUA com motivos de FC. Acabou estourando em sucesso e concorrendo em popularidade com Os Simpsons. Já as séries tradicionais, de episódio de uma hora, só apresentaram novidades na Record, usualmente um canal fraco, revitalizado pelo poder financeiro da Igreja Universal. Contra-Tempos (Quantum Leap) traz as aventuras de um físico que embarcou em sua própria máquina do tempo e se perdeu no passado (o que sempre acontece, desde O Túnel do Tempo). A novidade é que o processo causou-lhe total perda da memória, e sua consciência apenas é que viaja pelo tempo, ocupando o corpo de várias pessoas. No "futuro" ficou seu próprio corpo, que recebe as consciências dos proprietários reais. Para ajudá-lo é enviado um sinal, que só ele vê, a projeção holográfica de seu amigo do futuro, outro cientista, que não se empenha muito em ajudá-lo a voltar ao seu tempo. A série vai para o quinto ano de sucesso nos EUA, enquanto a Record coloca o seriado para tapar buracos de sua programação. Um desperdício lamentável.

Na minha opinião, contudo, a melhor série em 92 na TV foi Missão Alien (Alien Nation), a versão seriada do longa metragem de mesmo nome. Muito superior ao original, o seriado vai, aos poucos, apresentando a cultura, psicologia e fisiologia dos alienígenas, através das missões de uma dupla de investigadores, um deles alien. Sem abusar de efeitos especiais, as histórias são bem engendradas e, não raro, muito dramáticas, algumas delas sendo pequenas obras-primas da FC na TV.

Se você nem chegou a tomar conhecimento dessas publicações e filmes, ainda há tempo de encontrar na TV, nas bancas ou nas locadoras. Algumas delas valem a pena.



RESENHAS FC BRASILEIRA

por MIGUEL CARQUEIJA

= MEGALON 24, jan/fev '93, Marcello Simão Branco, editor.

* "O Assassino", Carlos Orsi Martinho. —

Conto um tanto longo, de tema estranho e místico, aproveitando lendas ancestrais. A riqueza de conteúdo é muito grande, só que, a meu ver, o tema precisaria ser desenvolvido em mais espaço, talvez mesmo um romance, pelo menos uma noveleta. Assim como está ficou parecendo um resumo. Eu até entendo a hesitação do autor brasileiro de FC em escrever obras de mais fôlego: é quase impossível publicá-las.

= SOMNIUM 57, jul/out 92 (publicado em janeiro de 93), R.C. Nascimento, editor.

= "Surya", José Carlos Neves. —

Mostra as relações familiares de um sujeito que tem de ir a um jantar de negócios com uma chamosa extraterrestre. Tudo para dizer que é preciso dar mais um pouco de atenção aos garotos. Não chega a convencer. Ressalva para a fluência do autor.

* "O Clarão Azulado", Roberto Schima. —

Edgar trai o Dr. Elvio, roubando-lhe o invento da máquina do tempo e capitalizando o prestígio decorrente. reserva-se porém um final surpresa para a história. É bem Schima, um autor dotado de imaginação realmente criadora. Interessante o senso ético do Dr. Elvio: não seria correto enviar uma bomba para o futuro, se fosse só um milhão de anos (!), pois poderia explodir alguém. Seria preciso mandá-la para daqui a dez bilhões de anos, mais ou menos, pois aí já não haveria vida na Terra. Pouca gente tem esse zelo...

* "Alienígenas", Rubens de Azevedo. —

Um pouco de Lovecraft neste conto - talvez inspirado em "Um Sussurro nas Trevas" - onde um professor tenta alertar um policial sobre uma invasão do planeta por conquistadores extraterrestres. Infelizmente o final surpresa é previsível.

= ANTARES 58, set/out 92, Jane Terezinha Mondello de Sousa, editora.

* "Derramamento de Sangue", Helô Silva. —

Esta edição do zine gaúcho não traz contos, mas uma poesia de uma jovem escritora natural de Cachoeiro de Macacu e radicada no Rio de Janeiro. É uma poesia filosófica e metafísica, de grande profundidade, que fala em gavotas, flores, fábulas e mitos, e também dos mares, sem saber dos poetas - aos quais apenas se derrama o sangue (metaforicamente). O pouco que eu conheço da obra de Helô Silva revela, assim em pequenas amostras, um talen-

to real e raro, no qual a autora deve investir mais, para que o público tome conhecimento.

= IMPERATRIZ NO FIM DO MUNDO, Ivanir Calado, Rio Fundo Editora, Rio de Janeiro, julho 92, capa de Alves Calado, 246 páginas. —

Muito curioso este romance de Calado, talvez caso único em nossa literatura. Supõe uma memória póstuma de Amélia de Leuchtemberg, segunda imperatriz do Brasil (1812-73), que após a morte estaria, desde então, lutando contra a destruição final, escorando-se nos documentos existentes a seu respeito, visitando como um fantasma museus e bibliotecas.

Do pouco que eu sabia de Amélia (de livros de Paulo Setúbal) já tinha admiração por ela. Ignorava que, após o exílio, ela se houvesse tornado amiga de Chalaça e da Duquesinha de Goiás (filha da Marquesa de Santos), a quem expulsara da Corte brasileira. Creio que a parte histórica é a mais importante do livro, juntamente com a homenagem a uma pessoa notável da nossa História, injustamente esquecida pelos pósteros. Além disso o romance é muito bem escrito, com linguagem escorreita e segura.

A parte fantástica é que me pareceu questionável. Travestido em Amélia, Ivanir declara que a recordação de toda uma vida, que se supõe ocorrer na passagem da morte, "ao invés de preparação mística para a vida eterna, é apenas o último e desesperado esforço da natureza buscando negar o fim: a memória agrupa-se numa enorme unidade independente que será nosso eu após a vida." Isto, até a dissolução causada pelo esquecimento, que o espectro de Amélia tenta desesperadamente evitar ao longo de 120 anos. Nem Deus, nem alma imortal, ao que parece, o que diverge de minhas idéias filosóficas; mas não esqueço que Ivanir não é obrigado a tê-las iguais. O que eu não posso deixar de reparar é que, co-trastando com essa mensagem materialista, a pareça um ser sobrenatural - nada menos que a morte personificada em forma de mulher. Como ela surgiu, de onde ela veio - já que nem sempre existiram seres humanos para se ocupar (a morte dos animais e das plantas não entra aqui em cogitação) - e assim por diante? Ainda que "Amélia" ponha dúvidas sobre a autenticidade das memórias que tem da mulher-morte, narra de forma vívida os encontros com a mesma, e a decadência progressiva de sua inimiga (vermes nos olhos, pustulas, dentes estragados) ao longo das décadas, à proporção que ceifava as vidas ao redor da imperatriz (inclusive D. Pedro I). É um tanto grotesco, tanto mais que a personificação da morte me parece difícil de engolir. (NOTA: VER CRÍTICA DESTES MESMO LIVRO NO MEGALON 23, DE GERSON LODI-RIBEIRO).

BOOKS TO LOOK FOR

ORSON SCOTT CARD

Esta coluna de resenhas é publicada originalmente em The Magazine of Fantasy and Science Fiction e reproduzida nas páginas do MEGALON com autorização do autor.

Tradução de Roberto de Sousa Causo

* Gene Wolfe, Castleview (TOR, encadernação em pano, abril de 1990, 400 páginas).

Eu comecei este romance cheio de esperança, pois quando Wolfe escreve numa ambientação contemporânea ele parece não se indulgir ao tipo de obscuridade que atrapalhou tanto o meu prazer na leitura de Soldier of Mist (Soldado da Névoa, pela Europa-América) e Soldier of Arete. E por muitas páginas minhas esperanças foram plenamente justificadas. O romance inicia com a mudança de uma família para uma casa no campo, cujos residentes atuais estão saindo por causa da morte de seu marido e pai. Há promessas de um romance de companheirismo entre adolescentes das duas famílias. Há também um traço de magia nas rápidas visões de um castelo que tem sido visto tamanha frequência que deu à cidade o seu nome: Castleview (Visão de Castelo).

Aliás, o estranho aparece tão rapidamente que a história humana é quase completamente perdida; e, enquanto outros leitores possam ser capazes de ordenar os seus caminhos através das referências arturianas para chegar a um quadro coerente qualquer do que aconteceu, eu fui deixado sem pistas. Não estava certo de qual personagem representava qual figura arturiana; não tinha noção de como e onde os mundos real e mágico se encontravam; e, acima de tudo, não podia nem me aventurar a adivinhar o porque de cada um ter feito o que acabou fazendo, e portanto não poderia nem dizer se era esperado de mim que me sentisse feliz ou atterrozado com o modo como as coisas terminam. Tudo por tudo, um dos livros mais desapontadores que jamais li.

Mas em um sentido, tal resenha é dificilmente justa. Eu me desapontei precisamente porque o livro começa tão bem, e porque eu havia recebido tanta satisfação de outros livros de Wolfe. Seu gênio é indubitável, e então sou deixado para especular que leitores mais cuidadosos e brilhantes que eu poderiam muito bem achar este livro eminentemente satisfatório. Para mim, contudo, ele permanece uma espécie de ideal platônico de um

livro; uma coisa de tal beleza que está, apesar disso, completamente além de minha compreensão.

* Suzy McKee Charnas, The Golden Thread (Bantam, encadernação em pano, juvenil, junho de 1989, 209 páginas).

Espero que não haja uma biblioteca de 1º ou 2º grau na América que não tenha cópias da série "Sorcery Hall" de Charnas (A dustjacket a chama de uma trilogia, mas o fim deste terceiro volume é tão claramente de final aberto que eu me surpreenderia se Charnas já não tivesse pronto o enredo do quarto volume). Estas histórias de Valentine Marsh, que herdou os poderes de bruxaria de sua família e está aprendendo a usá-los a despeito da oposição de sua mãe, são extraordinariamente bons como fantasia e como literatura juvenil.

Parte da chave para o sucesso de Charnas com estes livros é que ela não faz Valentine Marsh seguir o clichê do gênero, tornando-a uma isolada reclusa, alienada da sociedade. Ao invés, ela tem bons amigos e reais interesses românticos que nunca chafurdam nos clichês da vinda-da-maturidade.

Em The Golden Thread, Valentine acha que "celebrar" o Ano Novo seja um tipo de anti-festa para as pessoas que não tinham muito sobre o que estarrem felizes no ano anterior. o próprio pesar de Valentine é que sua avó, a mulher que lhe ensinou tudo o que ela sabe sobre magia, está em coma, com a perspectiva de morrer. Na festa, uma garota particularmente obtusa sugere que eles formem um anel para lançar uma estrela cadente - uma sugestão perigosa, mas Valentine, não obstante, une-se ao círculo, desamparadamente. O resultado é que eles inadvertidamente invocam uma deusa de Um Lugar Qualquer - e descubrem que as pessoas com tais poderes nem sempre são boa companhia.

O livro é uma boa mistura do engraçado, do assustador e do real, e embora eu não seja tão sentimental sobre golfinhos e baleias como certas pessoas, gostei do livro o bastante para perdoar Charnas pela semi-dopada resolução de uma das linhas do enredo. Essa ressalva não é uma barreira para a maioria dos leitores; este livro é um sucesso certo, mesmo para adolescentes que pensam não gostar de fantasia.



SCHIMA
08/1908